



IMIGRAÇÃO E REFUGIO COMO TEMA CONTEMPORÂNEO
Relatório do PROGRAMA CONVIVÊNCIAS

Caxias do Sul de 29 de julho a 01 de agosto de 2014.

Dra Denise F. Jardim

(Departamento de Antropologia. PPGAS)

Colaboradores deste texto:

Amanda Pereira Gonçalves

Diogo Ives de Quadros

José Luis Abalos Junior



Porto Alegre, Novembro de 2014

Para Daisy Barcellos, antropóloga aposentada. Entre tantos exemplos, nos inseriu em uma antropologia pensada sempre e através da experiência direta e de modo compartilhado.

Sumário:

Introdução.....	04
1. A proposta inicial.....	09
2. O grupo.....	10
3. Antecedentes do projeto.....	11
4. Diário de campo.....	12
4.1 Chegada ao Seminário Nossa Senhora Aparecida.....	12
4.2 Do alojamento dos ganeses ao nosso próprio alojamento.....	26
4.3 Os grupos de trabalho e as oficinas.....	30
4.4 No alojamento dos ganeses e as atividades.....	39
5. O atendimento aos migrantes em Caxias.....	45
- Entrevista com a vereadora Denise Pessoa.....	47
6. Diferentes pontos da rede de atendimento ao imigrante.....	52
a) Billy: O ponto de encontro dos senegaleses.....	52
b) A policia federal.....	58
c) O Centro de Apoio ao Imigrante (CAM).....	63
d) Jean: relatos de um haitiano e a migração.....	66
Considerações finais.....	67
Referências Bibliográficas.....	68
Anexos.....	69
I - O efeito visual da localização dos imigrantes	
II – A oficina de fotografia	
III – A apresentação e premiação do Projeto na XV Tertúlia da Proreitoria de extensão/UFRGS	
IV – O grupo de acolhimento visita os locais de trabalho para onde foram encaminhados os rapazes de Gana.	

Introdução:

Esse relatório é resultado de uma ação de extensão pontual, e de certa forma, de difícil repetição. Trata-se de uma incursão com viagens exploratórias e preparação da equipe, que a antecederam a permanência de 5 dias em Caxias do Sul. O objetivo era de colaborar de forma ativa com uma rede de organizações que realizam o acolhimento aos imigrantes recém chegados em Caxias do Sul e propiciar uma imersão a alunos de diferentes cursos de graduação, em período não letivo, sobre as migrações contemporâneas a partir do diálogo direto com pessoas que recentemente organizaram sua migração.

A ação contou com uma equipe que não se conhecia previamente, com pessoas advindas de diferentes cursos de graduação e momentos diversos de sua vida acadêmica. Os membros dessa equipe foram recrutados a partir de processo seletivo do Projeto Convivências, seguindo a experiência de formação de grupos de trabalho já conhecidas pela equipe do DEDs. Portanto, os relatores e participantes desse projeto usufruíram de uma *expertise* da equipe do DEDS que explica, em muito, a capacidade que o grupo desenvolveu ao longo do período, em cooperar e decidir conjuntamente os rumos do trabalho empreendido.

Como antropóloga, coordenadora da equipe em sua proposta específica, compreendia que tal metodologia de trabalho em grupos relacionada à extensão era absolutamente congruente. Do ponto de vista antropológico, a formação profissional acadêmica tem seguido um formato individualizado, como o trabalho de um artesão dentro de um ateliê. No entanto, as experiências relacionadas a trabalho em equipe acabam constituindo o horizonte profissional dos egressos, para os quais as atividades de extensão propiciam uma experiência direta em lidar com outras vozes, formadas em outras áreas de conhecimento, e de interagir com pessoas com diferentes formas de expressão de sua visão de mundo entre parceiros de equipe.

Ademais, o exercício de construção de soluções coletivamente, participando e refletindo sobre os desafios que se apresentam, faz da extensão uma experiência acadêmica que converge para o que entendemos na antropologia como os “imponderáveis da vida real” tão enfatizado por Malinowski (1984:31) ao contrastar com o interesse com o “comportamento típico”. Lidar com os fluxos da vida e com o inesperado é experiência que transforma o campo científico e prepara alunos a se relacionar com tais situações na ciência, social ou em área técnica específica, de forma mais receptiva. Nesse sentido, a extensão permite uma imersão nas condições locais vividas por pessoas de carne e osso e exige dos alunos, professores e

organizadores da ação a lidar com o inesperado como parte fundamental de nossas reflexões e ações.

Esse texto está organizado em seis tópicos, seguindo uma ordem cronológica de seus acontecimentos, desde o encaminhamento da proposta inicial, suas reconfigurações diante da chegada dos rapazes de Gana durante a copa do mundo. A chegada dos rapazes de Gana em Caxias do Sul, durante a copa do mundo, foi um fato reorientou tanto o trabalho de planejamento de alojamentos e tempo que seria destinado à ação, até a adoção de ações adicionais, como o recolhimento de donativos do ingresso solidário ao Planetário da UFRGS que pudemos contar como uma contribuição a essa situação especial em nossa chegada a Caxias do Sul.

Nos tópicos desse texto são relatadas no formato de diário de campo, por ordem cronológica, as experiências coletivas da equipe diante das situações que foram vivenciadas, prioritariamente destacando o trabalho sobre a temática. Pouco se falará sobre das relações intra equipe. A alegria que expressam quando os participantes se encontram atualmente revela que as diferenças de áreas de conhecimento não pesaram negativamente durante a realização da ação de extensão. De todo modo, a vivência em nosso próprio alojamento poderia ser relatada aqui por outros escribas, e não especificamente pela coordenação do projeto.

O relatório está marcado pela presença e intensidade das trocas que estabelecemos primeiramente com os rapazes de Gana, em situação de alojamento. Presenciamos aquilo que Sayad (1998) chamara de “O lar dos sem-família”, a situação provisória da vida em alojamento que se prolonga e que acaba por instalar a percepção de que estamos diante de um “residente provisório por definição” (p. 78).

Essa experiência inicial só pode ser reconduzida quando ampliamos nossa visão para a compreensão de como uma rede de acolhimento que era composta de diferentes atores, posicionados nas organizações não governamentais, poderes públicos e empresários respondiam a convocação da rede cooperando e transformando pessoas inicialmente invisíveis na cidade, alojadas no topo de um morro, em um seminário religioso, em pessoas que conquistavam alguma forma de inserção laboral formal. Nesse sentido, o trabalho de uma cartografia da imigração deveria contemplar o modo como os imigrantes são interpelados por diferentes obstáculos e possibilidades (Jardim: 2007).

O item 5 desse texto corresponde a um momento em que paramos para compreender os desafios enfrentados pela rede de atenção e, logo adiante estávamos estimulados a percorrer outros pontos de vista e pessoas que

também poderiam relatar a experiência migratória de modo reflexivo, como foi o encontro com Billy e Jean.

Todas as imagens desse relatório foram de algum modo compartilhadas nas redes sociais entre os participantes da equipe, poucos sabem com precisão sobre a autoria de cada foto, se foi de que máquina ou qual telefone saíram. Desde já agradeço a equipe por veicular as fotos e por compreender essa falha ainda a ser sanada. O que sabemos é que as de melhor qualidade foram produzidas por Patrícia Xavier do DEDS ou de Luis Abalos Junior que portavam equipamentos profissionais. As imagens dos anexos não são menos importantes, mas reúnem basicamente imagens retiradas da internet, de várias pessoas e aqui expostas porque foram previamente veiculadas e tornadas de caráter público.

Nos anexos, a primeira imagem é relativa a produção midiática que se intensifica no mês em que a copa está finalizando. O segundo conjunto de imagens apresenta as fotos da oficina de fotografia. O terceiro conjunto de fotos registra os reencontros da equipe durante o salão de extensão e no palco recebendo o destaque das tertúlias de 2014. O quarto e último conjunto de fotos não são produzidas pela equipe e sim advindas de uma postagem da Irmã Maria do Carmo (CAM). Trata-se de uma preocupação que todos nutrimos sobre os destinos imediatos e futuros dos albergados no seminário. Trata-se da visita da equipe de acolhimento aos locais de trabalho dos rapazes de Gana, verificando o modo eram recepcionados nas empresas e acompanhando os destinos após a vida no alojamento provisório.

Esse texto não esgota os relatos possíveis e testemunhos que escutamos. Nada gravamos para a confecção de um texto com precisão milimétrica ou dotado de capacidade de comprovação por transcrição de fitas ou diários de entrevistas. Ao finalizar a atividade, convoquei os participantes a inserirem comentários e completarem informações em um texto de memória que elaborei a fim de não perder com o passar do tempo a quantidade de informações acumuladas no período que estivemos em Caxias. Em um texto preliminar, eu ofereci informações desde a formulação da proposta inicial e viagem exploratória, que talvez não fossem evidentes para a própria equipe que foi selecionada. O resultado foi o retorno de alguns comentários, inseridos em cores no texto base, e incorporei e mantive a autoria. Destaquei os parágrafos dessas contribuições durante o texto para preservar percepções mais pessoais, o que fiz também com algumas inserções minhas, considerando que são contribuições que a própria equipe poderia ter curiosidade em saber e não dispersar quanto a forma como foram recepcionados os comentários e por quem da equipe foram proferidos.

Infelizmente, após o período não letivo, nem todos os participantes pararam para participar deste texto. Mas, o envolvimento como grupo virtual que compartilhava fotos e informações sobre os destinos dos imigrantes que conhecemos em Caxias se manteve.

O grupo ainda foi “convocado” nas redes a participar das atividades do salão de extensão. A inscrição inicialmente como mostra, tinha sido pensado como um ponto de encontro da equipe. A inscrição foi redirecionada pela Proext como uma inscrição pertinente ao formato das tertúlias. Nas tertúlias, de fato, pudemos reunir diversos participantes e proporcionar um reencontro que resultou em uma mostra fotográfica, e que revela em imagens nosso percurso próximo ao presente relatório e, ademais conta com as fotos de uma das temáticas das oficinas conduzida por Amanda Gonçalves e Luis Abalos Junior no alojamento. O projeto foi apresentado por Lisarb O’Oco e Luiza Dutra. Mas, durante a tertúlia, a equipe se fez presente, empolgada em expor suas considerações sobre a experiência que empreendemos, incluindo os citados e Larissa Cykman.

Para a realização dessa ação seria necessário abrir algumas 50 páginas só de agradecimentos, mas vou poupar o leitor. Quero registrar apenas que nessa enorme lista de agradecimentos devidos iniciaria com a equipe que conduz no DEDs o Projeto Convivências. À receptividade de diferentes pessoas em Caxias à nossa equipe, desde aquelas que receberam a primeira idéia ainda em conversas com a irmã Maria do Carmo sobre a possibilidade do centro de atendimento ao imigrante estabelecer os bons caminhos para uma ação de extensão, até a Universidade de Caxias do Sul que viabilizou nosso alojamento. A receptividade de nossos interlocutores, sejam recém chegados, imigrantes residentes, sejam os estabelecidos em Caxias, em dar indicações na rua, restaurantes e transporte público é algo a registrar. Por certo são sempre muitas, muitas as pessoas que participam de uma ação de extensão: sem os rapazes de Gana, Billy e Jean, e a receptividade calorosa de todos aqueles que se dispuseram a nos receber, nosso mês de agosto seria apenas frio com precipitações de chuva.

Um relatório cumpre muitas funções. Ele rememora um percurso e possibilita que novos caminhos sejam trilhados. Ele pode rememorar uma experiência e permitir que se instale um momento de reflexão permitindo gerar novas indagações. Por vezes, um relatório pode inclusive tentar reter na memória, com uma fotografia, um momento do tempo que merece ser lembrado e compartilhado, principalmente com aqueles que compartilharam de uma experiência com diferentes intensidades. Aqui tentamos fazer um pouco de cada um desses aspectos.

1. A proposta inicial

Título: IMIGRAÇÃO E REFÚGIO COMO TEMA CONTEMPORÂNEO

Coordenadora: Professora Dra. Denise Jardim (Departamento de Antropologia. PPGAS)

Local: Caxias do Sul - RS

Objetivo: Este projeto busca conhecer o cotidiano dos imigrantes mais recentes e refugiados que se encontram na cidade de Caxias do Sul. O projeto foi constituído a partir de um trabalho prévio de interlocução com o Grupo de Apoio a Imigrantes e refugiados (GAIRE/UFRGS) e CAM (centro de Atendimento do Imigrante) em Caxias do Sul. Trata-se de ação relacionada ao programa de extensão 25929, sob minha coordenação, registrado no portal de extensão da UFRGS. Dado este mapeamento prévio compreendemos que a cidade de Caxias do Sul se tornou um dos pólos de atração de trabalho e concentra, sobretudo, questões urgentes quanto à vulnerabilidade econômica e social dos mesmos, nos recentes anos. Em 2012, foram aprovados 259 registros permanentes para imigrantes oriundos do Haiti. Em 2013, mais de 150 senegaleses entraram com pedido de refúgio no escritório local da Polícia Federal. Tais pedidos são movidos como possibilidade de obtenção de emprego em locais diversos do Brasil. No caso haitiano, isso tem ocorrido diretamente nos locais de ingresso, no norte do país, os conduzindo pontualmente para o sul através de contratos de trabalho. No caso dos senegaleses, os percursos são mais autônomos, mas segue o rumo de cidades com oportunidades de emprego, como a região industrial do norte do estado do Rio Grande do Sul. Esses dois segmentos já contam com suas próprias associações de migrantes que fazem a mediação para atender a demandas de atenção a situação do migrante e refugiado.

Justificativa: Entender as dinâmicas sociais de migrantes e refugiados com a sociedade de acolhida é fato importante para a veiculação de informações mais fiáveis sobre o percurso migratório e para que os brasileiros possam compreender as demandas e especificidades de pessoas em mobilidade oriundos de outros países, sejam limítrofes, continentais ou de outros continentes, dos quais o percurso para a vinda ao Brasil é mais complexo. O contato entre culturas diferentes é essencial para a construção de uma cidadania inclusiva, receptiva à diversidade e para a recepção adequada daqueles que migram para o Brasil em busca de uma vida melhor.

Metodologia: A vivência se inicia através das associações de migrantes e centros de apoio e percorrerá, por livre adesão dos haitianos e senegaleses,

seus lugares preferenciais na cidade e bairros de moradia. Trata-se de realizar uma observação participante, nos termos de uma proposta antropológica. Durante a vivência, os participantes entrarão em contato diretamente com os migrantes, a fim de entender as dificuldades enfrentadas em diversos âmbitos de sua experiência local; debatendo aspectos vivenciados quanto à xenofobia, racismo. Indaga-se como vem sendo a interação com os modos de expressão e comunicação da sociedade de acolhida e reflexões sobre a cultura local. Também se buscará conhecer como percebem a atuação dos serviços públicos (saúde, educação, assistência social, ONG's), nos campos de trabalho e/ou na busca por emprego.

De outra parte, a metodologia contempla uma convivência previamente acordada com o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) em Caxias do Sul que vem recebendo e encaminhando diversas demandas das associações de haitianos e senegaleses constituídas na cidade. Em contrapartida, os alunos atuarão como facilitadores da sistematização de dados coletados pelo CAM, entendendo que a constituição de tabelas e dados legíveis que foram previamente coletados poderão dar maior visibilidade aos migrantes, uma melhor compreensão da composição étnica, de gênero e escolarização dos mesmos para a formulação de demandas mais pontuais, tornando mais acessíveis a informação pertinente ao poder público e aos próprios migrantes sobre a diversidade de características da composição desse segmento em seus locais de residência atuais.

RECURSOS:

- Transporte de ida e volta até o município de Caxias do Sul.
- Hospedagem e alimentação. Pretende-se alocar os estudantes no Centro de Atendimento ao Migrante, órgão civil que acolhe imigrantes e refugiados recém chegados a Caxias.
- Deslocamento dentro da cidade.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Será feito um relatório em grupo com as principais observações. Deverão ser construídas tabelas que sistematizem os dados organizados pela equipe que orientam os percursos na cidade e serão disponibilizados pela base do CAM.

2.0 grupo

	Nome	Curso
1	Adriana Gomes Zimmermann	Educação Física
2	Amanda Pereira Gonçalves	Publicidade e Propaganda
3	Bárbara Amaral Schmitz	Serviço Social
4	Daniela Lesina Soares	Políticas Públicas
5	Diogo Ives de Quadros	Relações Internacionais
6	Gutiélis Souza de Vargas	Administração
7	João Fontanari Barbosa	Direito
8	Jose Luis Abalos Junior	Ciências Sociais
9	Luiza Correa de Magalhães Dutra	Ciências Sociais
10	Norberto Decker Neto	PPG Antropologia (doutorado)
11	Silvia Cristina Zelaya	PPG Antropologia (doutorado)
12	Lisarb Valéria Montes D´Oco	PPG
13	Larissa Cykman de Paula	Serviço Social
14	Denise Jardim	Coordenadora Profa Departamento de Antropologia
15	Rita Camisolão	DEDS
16	Patricia Xavier	DEDS

OBS: Dos 14 alunos que constituíram o projeto, quatro foram selecionados para atuar em função de sua familiaridade com o tema, como equipe de apoio, sem contar com o mesmo suporte individual destinado aos alunos de graduação, em alguns casos com algum aporte do projeto CNPq da professora Denise Jardim. São eles; Norberto Decker Neto, Silvia Zelaya, Larissa Cykman de Paula e Lisarb D´Oco.

3. Antecedentes do projeto

Esta atividade foi planejada a partir de uma visita prévia a Caxias do Sul realizada através da ação do COMIRAT (Comitê de Atenção a Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas do Tráfico de Pessoas - RS) que entre os dias 5 e 6 de junho deste ano trouxe a professora Marília Pimentel da Universidade federal de Rondônia para palestrar sobre os desafios da aquisição de uma língua adicional pelos migrantes recém chegados ao Brasil. Inicialmente, as

atividades realizadas na Universidade de Caxias do Sul e na UFRGS, dedicavam-se a pensar o fluxo de migrantes oriundos do Haiti e Senegal, aproveitando a experiência de pesquisa da professora em sua área de linguística e práticas diretas quanto ao tema na região norte do país. A presença de Senegaleses e Haitianos no Rio Grande do Sul, que assumiam uma visibilidade maior a partir de 2012, quando do primeiro seminário da constituição de uma rede de entidades não governamental chamado Fórum Permanente da Mobilidade Humana (FPMH) em outubro de 2012, nos colocava o desafio de atender e provocar ações de instituições públicas para abordar o tema das novas migrações internacionais no Brasil.

O projeto foi encaminhado pelo DEDS depois de um contato muito receptivo por parte do CAM, durante o Seminário, a partir da interpelação do Gaire e, posteriormente obteve a formatação acima apresentada, dando um tom mais antropológico quanto a forma de intervenção que seria realizada.

No momento de definir a logística que tinha sido acertada, os lugares previamente destinados para nossa estadia estavam, concretamente, ocupados por um acontecimento inusitado na cidade de Caxias. Na primeira semana de julho, a cidade de Caxias registrava um ingresso de dezenas de pessoas de nacionalidade Ganense e que vinha sendo resgatada da rodoviária de Caxias pelas ordens religiosas para um abrigo improvisado no Seminário Nossa Senhora Aparecida. As mensagens de Whatsapp com a Irmã Maria do Carmo (CAM) indicavam duas coisas; uma a prioridade dada aos migrantes que chegavam e ao atendimento a situação excepciona que estava sendo vivenciada. Tal situação mostrava que a equipe do CAM estava ocupada com uma nova urgência e, concretamente, nossas datas eram reavaliadas bem como a viabilidade de uma equipe da UFRGS ser recebida inteiramente no mesmo local durante toda sua permanência no mesmo Seminário, em função de outros grupos de jovens que para lá faziam atividades relativas a rotinas de coletivos de juventudes religiosas nesta semana. Assim, o projeto que tinha sido pensado para conhecer a realidade de Haitianos e Senegaleses, acabava abarcando os albergados diretamente no Seminário e recém chegados na cidade.

Assim, estivemos também com a equipe do DEDS, Rita e Patrícia, na câmara dos vereadores (14/07) em Caxias conhecendo o local que concentrava em seu auditório o trabalho de voluntários para o preenchimento de formulários de pedido de refúgio – ainda em sua versão português – para os pedidos de refúgio. Conversamos com a irmã Maria do Carmo e com a vereadora Denise Pessoa. Isso era a metade do mês de julho, logo que começara a chegada de ganenses, em pleno mês do Ramadã e já apresentava um número expressivo de grupos de 50 pessoas chegando juntas na rodoviária da cidade, vindas de várias partes, por vezes de Brasília (DF), por vezes de

Criciúma (SC). O fato é que eram pessoas com um visto de turista concedido pela embaixada brasileira especialmente para a Copa do Mundo. Aqui vale dizer, que no mês de julho, pouco antes de nossa chegada a Caxias, o representante do Ministério da Justiça Dr. João Guilherme Granja esteve na cidade para conhecer in loco a realidade dos Ganenses e pronunciar-se sobre o universo de leis que o refúgio compreendia e como orientava o trabalho da polícia federal para essa situação.

Além de uma visita exploratória, o DEDs realizou evento preparatório ao coletivo de alunos que para lá iria, e também resolveu toda a logística que nos situou no campus da Universidade de Caxias do sul – em seu centro olímpico – e lá permaneceu com a equipe por dois dias para participar e fornecer o suporte necessário para nossas atividades na cidade. A Universidade de Caxias, seja no centro olímpico, (Vila Olímpica da Universidade de Caxias do Sul – Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Petrópolis – Caxias do Sul) seja disponibilizando espaço na biblioteca para nossa atividade preparatória, lugares para alimentação e alojamento, nos deu a tranquilidade necessária para as atividades que aqui serão descritas, ilustradas e comentadas a várias mãos.

4. Diário de campo

4.1 Chegada ao Seminário Nossa Senhora Aparecida

Dia 29 de julho - terça-feira pela manhã. Partimos do pátio do planetário às 9:30 da manhã, almoçando na chegada a Caxias antes de nos dirigir ao Seminário. Para entrar no ônibus, somos lembrados que devemos portar o cartão da universidade como nossa identificação pessoal. Já na saída, muitas sacolas de alimentos não perecíveis, resultado das doações da sessão de domingo do planetário (27/07) foram transportadas nos bancos do fundo do microônibus e se destinavam a albergagem dos ganenses.



Chegamos a Caxias uma hora e meia atrasados quanto a nossa previsão pois demoramos para encontrar o caminho para o topo do morro onde se situa o Seminário Nossa Senhora Aparecida. (Seminário Nossa Senhora Aparecida – Rua Ivo Remo Comandulli, 897 – Bairro N. Sra. da Saúde 95032-170 – Caxias do Sul – RS fone: 54 3211-2750). A chegada estava prevista para as 13h, mas chegamos às 14:30 aproximadamente. Depois de perguntar para uma ou outra pessoa, o sentido dos retornos das vias, as indicações pareciam não ajudar a uma boa localização de como o ônibus deveria subir até o seminário. Um rapaz abordado na rua, depois de tentar nos explicar muitas vezes, já que não sabíamos os mesmo pontos que ele se reportava de nomes de ruas, disse que se déssemos uma carona a ele, nos levaria até lá. Nosso *caroneiro* então nos conduziu até o Seminário Nossa Senhora Aparecida.



Com Rita Camisolão na chegada ao Seminário nossa Senhora Aparecida

Chegamos após almoço e o seminário estava aparentemente fechado. Havia um único rapaz sentado ao sol, em um banco de praça, diante do Seminário, mexendo em seu celular, possivelmente um dos migrantes. O dia estava ensolarado.

Batemos a campainha, o efeito foi o som de muitos sinos, mas mesmo sem o efeito esperado notei que a porta estava entreaberta e fomos entrando e buscando outras portas. Havia uma biblioteca, vazia, e percorremos um enorme hall gelado na entrada, com revestimentos de piso frio antigo. Demorou um pouco mais e fomos atendidos pelo padre (mais jovem...) a quem nos apresentamos e declaramos buscar a irmã Maria do Carmo e sobre o nosso atraso. Ele disse que iria buscá-la e resolvemos esperar no sol porque dentro do seminário fazia muito mais frio. Em seguida pedimos para descarregar os mantimentos doados pelos visitantes do Planetário e nos foi indicada a primeira porta próxima a entrada do seminário. A sala que guarda as doações de roupas está totalmente ocupada com sacolas e caixas de roupas. Novamente, com uma fila de pessoas da equipe passando de mão em mão as sacolas de alimentos fomos carregando as sacolas até a sala de doações. Logo em seguida o padre Edmundo chegou e nos explicou que a Irmã Maria do Carmo estava nos fundos do Seminário, para dar algumas instruções para os migrantes e que podíamos entrar.

Nesse momento o padre atende a outro grupo de três pessoas, que também viriam realizar alguma atividade sobre imigrantes, mas com os padres do seminário e, naquele início de visita isso nos possibilitou que nos apresentássemos primeiro a elas, eram três moças.

Acessamos os fundos do seminário por dentro do prédio, passando por uma área em que a esquerda havia alguma cobertura e alguns jovens ganenses circulavam. O pátio estava ensolarado e algumas cadeiras brancas de plástico permitiam que os rapazes ficassem ao ar livre conversando. Atrás do seminário fica o ginásio de esportes, onde foi improvisado um alojamento aproveitando as instalações para uma cozinha coletiva no andar térreo, um local de oração no palco de premiação de medalhas, uma vez que ali também há um enorme crucifixo que o destaca de modo mais elevado do piso inferior do ginásio. O dormitório é o andar superior, no qual há uma sacada com uma mureta que dá visão para a arquibancada (toda sobre um mesmo lado do campo). O campo pavimentado tem a dimensão de uma cancha multiuso de futsal e basquete. Enquanto permanecem no ginásio, suas horas são divididas entre tomar sol nas cadeiras brancas, entre os dois prédios, ou jogando futebol no ginásio. Recebem visitas de pessoas da cidade para oferta de empregos. Assim, sempre há uma pequena movimentação de carros no pátio entre os dois prédios e não há senão um portão principal do seminário para acessar o alojamento. O seminário, contudo tem horários de funcionamento ao público e

campanha para chamar a atendimentos no prédio principal que comporta biblioteca, um grande salão de armazenamento de doações perto da entrada principal do prédio. Há banheiros distribuídos por várias partes externas do seminário e no ginásio.

“Apresentei-me ao primeiro rapaz que me abordou. Éramos mais abordados do que abordávamos as pessoas ali na frente da entrada do ginásio em que estavam alojados”. (Denise Jardim)

“Alguns de nós estávamos conversando quando, aos poucos, foram chegando alguns ganenses e pouco a pouco iam os interpelando seja através de um sorriso ou fazendo perguntas sobre quem éramos e o que fazíamos ali”. (Amanda Gonçalves)

“Os ganeses se mostravam muito receptivos e curiosos em saber quem éramos, de modo que o contato se revelou muito fácil. A diferença de idioma não chegou a ser uma barreira, na medida em que eles se mostraram pacientes em tentar entender nosso inglês arranhado. Conversei por cerca de uma hora com um ganês, que me resumiu sua história de vida em Gana e fez várias perguntas sobre mim, a UFRGS e Caxias. Sua preocupação em conseguir um trabalho era bastante enfatizada. Reclamou várias vezes da economia ruim e da corrupção na política em Gana. Contou que não havia deixado dependentes no seu país e que estava disposto a construir uma nova vida no Brasil, ao lado do irmão, que também estava ali no seminário. Ambos estavam dispostos a arranjar qualquer emprego. Outros dois imigrantes juntaram-se à conversa com o passar do tempo. O maior interesse de um deles era saber como funcionavam as universidades no Brasil e se era possível que ele fizesse faculdade. Todos se surpreenderam ao saber que existiam universidades gratuitas aqui”. (Diogo Quadros)

O lugar do alojamento é improvisado no andar superior do Ginásio de esporte. Ele tem uma quadra de futebol e um andar superior onde dormem. Conta com uma cozinha comunitária, um palco que foi transformado em solo de oração, há um crucifixo bem grande na parede do palco e na parte superior acima deste palco duas escadas dão acesso ao alojamento, no qual inicialmente vislumbramos apenas as roupas penduradas na mureta. No lado oposto às arquibancadas, junto à porta de entrada do ginásio, o espaço contava com algumas cadeiras e uma mesa que, enquanto estávamos na arquibancada ouvindo as instruções da irmã Maria do Carmo, algumas pessoas dispunham o espaço para realizar entrevistas posicionando as cadeiras e formando filas de cadeiras para conversas que seriam coletivas.

Nesta primeira tarde, muita das conversas transcorreram desse modo antes de sermos chamados para um momento coletivo e sentamos juntos na arquibancada do ginásio para ouvir Maria do Carmo e seus informes.

“De minha parte, eu me apresentava e dizia que vínhamos da universidade, de Porto Alegre, e que permaneceríamos 3 dias para trocar e ensinar algumas palavras e expressões em português e o que mais fosse interessante em saber sobre o Brasil, a quem isso pudesse interessar. Fomos abordados por diversas pessoas. Um deles se identificou como professor diplomado e queria saber se teríamos condições de avaliar se seu diploma tinha validade no Brasil. Ele se ausentou alguns minutos e foi buscar uma pasta que fazia parte da própria identificação do documento quanto a universidade de origem onde constava o diploma e o histórico escolar do curso que identificamos como aproximado ao de pedagogia. Deixou o documento em nossas mãos, o que me deixou muito surpresa pois era um documento muito importante e foi para dentro do ginásio buscar seu almoço. Tínhamos enfim chegado justo no momento em que alguns ainda terminavam de almoçar”. (Denise Jardim)

“Após a fala da irmã Maria, ao invés de ficar na arquibanca, fui acompanhar o processo de seleção de trabalho que acontecia em outro ponto do ginásio. Os ganeses ficavam sentados em cadeiras enfileiradas na frente de uma mesa, atrás da qual estavam os representantes de duas empresas e um funcionário do seminário. Uma companhia trabalhava com processamento de frango e a outra lidava com fabricação têxtil. Os representantes, que falavam em inglês, explicaram as condições de trabalho e distribuíram fichas para os ganeses preencherem. Os ganeses, que se dividiram em dois grupos conforme o trabalho pelo qual se haviam interessado se preocupavam mais em completar rapidamente as fichas do que em fazer perguntas sobre o emprego. Após entregar a ficha, o ganês era entrevistado rapidamente pelo representante. Ficou acertado que as empresas voltariam no dia seguinte para buscar os selecionados” (Diogo Quadros).

“Logo que cheguei perto da arquibancada fui abordada por um rapaz que parecia muito jovem. Ele me perguntou se sabia me comunicar em inglês e começamos um diálogo. Apresentamo-nos e a sua curiosidade sobre o que eu fazia ali, especialmente, mas também no dia-a-dia foi aumentando. Aos poucos, ele me contou sobre sua história de vida, seus sonhos e os motivos que o

trouxeram ao Brasil. Segundo ele, o Brasil possuía muitas oportunidades e, devido à perda de seus familiares, não havia nada a perder. Nossa conversa durou a tarde toda. Ele se surpreendeu ao saber de minha idade e das coisas que eu gostava de estudar. Tiramos algumas fotos, o que parece ser um costume dos ganeses que se encontravam no Seminário. Aos poucos outros ganeses passavam por nós, interagiam, tiravam fotos e trocavam palavras com meu interlocutor que eu não entendia, já que eram no dialeto hausa. Meus questionamentos sobre seus dialetos renderam diversas explicações e tentativas de ensinar-me a pronunciar as palavras”. (Amanda Gonçalves)

No ginásio, a exposição da irmã Maria do Carmo transcorria com dois tradutores que eram também interpelados e imediatamente respondiam a dúvidas em seus idiomas, entre eles o hausa. Irmã Maria do Carmo falava e dois tradutores, um rapaz que estava no Brasil por 3 anos e que teria vindo naquele dia especialmente para ajudar a tradução. Não houve tradução para o inglês, somente para duas línguas nativas que mais adiante me foi dito, pelos rapazes a meu lado, não correspondiam a todos os idiomas, mas eles eram aqueles entendidos pela maioria dos presentes. Haveria outros idiomas que não tinham tradutores. Em nenhum momento os tradutores utilizaram o inglês.



“A irmã Maria do Carmo explica aspectos práticos sobre o almoço e destinos de trabalho, o primeiro tradutor verte a um dos idiomas ganenses (vindo de fora do seminário está de boné bege e mão no rosto) em seguida o rapaz à esquerda (de boné branco e casaco com mangas azuis) faz sua tradução a outro idioma nativo em Gana) se dirigindo aos migrantes que sentaram concentrados no lado esquerdo” (Denise Jardim)



A primeira explicação de ordem prática dizia respeito à rotina e a composição do prato de refeição. Com o final do mês do Ramadan – o mês lunar muçulmano (28 de junho a 27 de julho) iria, de agora em diante, serem servidas duas refeições ao dia, ao invés de uma. Irmã Maria do Carmo lembrava que as refeições eram realizadas a partir de mantimentos oriundos de doação e que se buscava garantir que uma das refeições, após o Ramadan tivesse algo de carne. Falava sobre a organização da fila da refeição que deveria ser sempre a mesma, portanto que mantivessem a ficha com seu número para todas as filas. Pudemos entender a quantidade de fichas no formato de cartões que eram manuseadas por um grupo de migrantes junto ao palco, enquanto Maria do Carmo falava, e que seriam entregues aos imigrantes. A lógica era a de que esse número fosse sempre o “seu” número de atendimento, estabelecendo uma ordem fixa da fila evitando confusões para formar a fila.

“Na segunda tradução sobre as refeições alguns se dispersavam e conversavam enquanto o tradutor interagia com os seus interlocutores. Quando do informe de Maria do Carmo sobre a mudança das refeições depois do Ramadã, em que duas refeições seriam realizadas, houve da parte de um dos grupos sentado juntos algumas risadas que não entendi nada e então perguntei ao rapaz do lado o que eles diziam. Ele começou a me explicar o que era o Ramadã, o que eu interrompi dizendo que sabia o que era, mas por quê a risada? Ele explicou sorrindo que muitos ali eram cristãos e não necessariamente teriam que seguir o Ramadã. Era o grupo interpelado pelo jovem intérprete da esquerda da foto” (Denise Jardim)

Maria do Carmo falava aos rapazes sobre os horários de saída, recomendando que já deveriam estar com malas prontas e não esquecer de levar as cobertas que tinham recebido que agora eram suas, repetiu várias vezes que as levassem consigo, bem como deveriam escolher entre os donativos as roupas que achassem que iriam precisar, para que entrassem na

sala de doações e fizessem isso antes de partir. Falava sobre o encaminhamento de grupos de 20 ou de 18 pessoas e duplas que seriam buscados por empresas nessa semana. Falava tanto sobre horários de saída quanto sobre o fato de que naquela tarde conheceriam outros empresários que viriam ao Seminário a fim de apresentar suas empresas e avaliar (selecionar) funcionários. Os empresários já estavam no ginásio naquele momento, preparando sua exposição nas mesas, no lado oposto, acomodando as cadeiras e a mesa que ficava naquele outro lado, como espaços de entrevista.

Durante a tradução, as pessoas estavam sentadas na arquibancada e toda nossa equipe da UFRGS se sentou junto para ouvir as explicações da equipe do CAM e seus tradutores, alguns já conversando com as pessoas que tinham interagido no pátio e seguido a sentar na arquibancada. Não precisamos nos apresentar, e Maria do Carmo aproveitou o momento para falar de pessoas diferentes que estavam ali conosco e nos identificou como um projeto da universidade para estar junto com os migrantes.

“Em tradução livre ofereci a frase “living together” e pedi que os colegas levantassem a mão para identificarem-se. Obvio que não era necessário, com um breve olhar saberiam exatamente quem eram esses “novos”, em sua maioria de “brancos” e “mulheres”, mas os alunos levantaram as mãos como uma forma de dizer-se presente. Ficava ali evidente que a universidade tinha majoritariamente pessoas brancas. (Denise Jardim)

Outros informes de Maria do Carmo eram sobre as datas de partida dos rapazes para dois locais de empregos previamente acordados. Uma indústria de alimentos e um grupo que seria entrevistado e iria trabalhar em um hotel cinco estrelas. (Frigorífico Nicoline e o Hotel Serrano de Gramado). Mas, ficamos sabendo disso somente no dia seguinte. Durante a exposição dos grupos com emprego, o grupo aplaudia com muito entusiasmo os momentos específicos do anúncio de que um grupo sairia nos dias seguintes do abrigo com seu emprego definido (quarta-feira e quinta-feira).

Maria do Carmo dizia que alguns rapazes estavam ansiosos achando que o fato de não achar adequado o emprego nesses dias poderiam deixar de ser empregados. Mas outros relatos da equipe acompanharam naquela tarde as empresas sendo representadas e mostrando os locais de trabalho para potenciais candidatos.

“Por parte da equipe do CAM (de três pessoas), alguns casos específicos que eram identificados entre os rapazes. Esse era o caso do menor de idade, com 17 anos. Na primeira abordagem que me fez, perguntava sobre onde poderia jogar futebol, de que modo poderia se engajar em uma equipe de futebol (uma conversa que se repetiu no

segundo dia). No entanto, a equipe do CAM estava interessada em saber onde estava o rapaz menor de idade, pois não o identificava embora soubesse de sua existência. Eram muitos os rapazes no ginásio naquele momento, e queriam saber se ele teria um irmão entre os demais. Depois buscavam localizá-lo no grupo, se havia um ou dois menores não sabiam ao certo. Perguntados sobre o destino do rapaz, diziam que ele seria encaminhado a um abrigo de menores, mas ele permaneceu conosco toda a tarde conversando com Amanda e outro rapaz que também falava em inglês e que no celular fazia selfies conosco na arquibancada junto ao amigo que aqui aparece fazendo selfies” (Denise Jardim)





Depois da fala de Maria do Carmo, as conversas ali travadas foram bastante diversificadas entre a equipe de alunos e os ganenses. Abaixo alguns relatos de abordagens e percepções da equipe:

“Durante minha conversa com esse rapaz tão jovem, diversas vezes fui questionada sobre o fato de ser ou não casada. Quando os outros rapazes passavam por nós, trocavam comentários, engraçados, imagino, sobre o que ele tanto conversava comigo. Diversas vezes expliquei-lhe que a expressão “I Love you” e sua tradução não seriam muito adequadas para ser ditas a alguém que foi conhecido tão recentemente. O rapaz também perguntou sobre a minha religião, fato que se seguiu de diversos questionamentos sobre as quais lhe falei que acreditava. Ouvei algo sobre isso também, a intenção do Seminário seria atender a necessidade de alojamento enquanto não havia o encaminhamento para o trabalho, mas ao mesmo tempo tentar encontrar oportunidades para os migrantes lá alojados” (Amanda Gonçalves).

“Enquanto estava sentada na arquibancada aproximou-se um rapaz com um formulário preenchido e outro em branco. Queria que eu, com minha letra, preenchesse o formulário de seu parceiro. Era um formulário para ser selecionado a um emprego. Na hora de colocar escolaridade ou trabalho perguntei o que ele fazia ou pretendia candidatar-se. O rapaz mais velho declarou ensino fundamental e pedia para eu repetir isso no formulário do rapaz mais novo, mas o rapaz mais novo dizia ter high school completo, diante de minha pergunta se completo ou não. Assim que adicionei fundamental e ao lado coloquei

um sinal de mais e escrevi high school sem saber ao certo se a correspondência ao ensino médio era cabível (o que os alunos me afirmaram que sim posteriormente). Fiquei aliviada em contrariar o rapaz mais velho que insistia que eu devia copiar as informações de seu formulário. No cabeçalho – ainda mantinha-se em branco o “salário pretendido”. Além disso, pedia CPF e outros dados formais que ele já tinha e que o rapaz com quem eu estava sentada conversando a ser abordada deveria também preencher. Ele tinha CPF, e aí sim me dei conta que esse era mais um formulário de solicitação, agora para pedido de emprego. Não era uma ficha de admissão e sim uma seleção. Um mundo cheio de formulários.

Os rapazes que me abordavam diziam que não eram irmãos, não tinham pais e mães com o mesmo nome, e que eu preenchia no formulário. Entretanto, ambos os nomes dos rapazes eram muçulmanos, o que comentei de modo meio atravessado como nomes árabes (afinal, assim me eram familiares em minha pesquisa com palestinos: Mohammed, Ahmad, etc). Muitos dos presentes, que avistava no palco junto aos tapetes manuseavam o Masbaha (pulseiras ou colares de contas para a oração) e mesmo durante a reunião se retiravam para o palco para prostrar-se na direção de Meca.

Ao preencher a “função” perguntei sobre qual o trabalho que ele pretende fazer e ele responde que é um técnico em computador. Além de anotar no formulário, escrevi em português em um papel e disse que isso estava o formulário e que ele não poderia esquecer como pronunciar em português, passando o papel para ele.

Fui chamada por Maria do Carmo para ajudar a explicar em inglês o tipo de trabalho que estava sendo oferecido a dois rapazes por um senhor que ali estava. Mas, quando cheguei, os rapazes demonstravam estar de acordo e acabei interpellando o empregador sobre as características do emprego. Ele disse que era uma fazenda, perguntei se era muito distante de uma cidade, ele disse que era só a 10 minutos de distância de tudo. Sugeri que uma bicicleta seria bem interessante para um novato, mas ele respondeu que era um lugar perto de tudo e já se despediu de mim(...). Sem sucesso, tentaria conhecer outros empregadores e suas ofertas de salário e moradia que se concentravam no lado oposto da arquibancada. Meu caminho até lá era sempre desviado por uma conversa ou encontro com outra pessoa.

Em uma dessas conversas, perguntei sobre quais as cidades e empresas para as quais os rapazes tinham sido destinados. Poucos sabiam pronunciar os nomes das cidades brasileiras corretamente o que

nos fazia tentar repetir alguns nomes de cidades parecidos com sua pronúncia para tentar identificá-las. Tampouco sabiam se era perto ou longe de Caxias. Mesmo os rapazes que tinham ingressado em um emprego na área rural de Bento Gonçalves, não tinham idéia de para onde iriam. Um dia antes, uma equipe do SINE – sistema nacional de empregos - tinha levado uma unidade móvel até o seminário para cadastrar os rapazes e intermediar o acesso de empresas aos candidatos a emprego.

Muitas vezes destaquei de meu bloco folhas com informações traduzidas para o português para que ficassem com eles. Palavras em português para uma auto apresentação de si e de sua escolaridade. Outra informação importante era perguntar se cada uma de nós era casada e como se dizia “I love you”, o que gerou uma animada conversa na equipe da UFRGS, e se tornara nossa diversão comentar o fato pois todas tinham, claro que com maior ou menor frequência, sido abordadas sobre o tema, e sempre em tom de brincadeira e jocosidades nessas conversas coletivas. Explicava que não era assim, que “I love you” era muito forte para uma primeira abordagem e explicava como era mais usual convidar para sair ou declarar ter gostado ou achado a pessoa bonita. Ríamos muito sobre como seria a situação de um aprendizado prático do idioma pelos seus próprios interesses, se esse era o interesse inicial mais comentado” (Denise Jardim)

Alguém de nossa equipe teria ouvido a explicação de um rapaz de Gana de que o Seminário queria fechar de vez a albergagem, afinal eles chegaram na primeira semana de julho e já estávamos fechando quase um mês de permanência no albergue.

A grande ênfase ali ainda pareciam ser as distintas religiões que conviviam no seminário, apesar das refeições serem pautadas pelas lógicas do jejum do Ramadã. Pessoas que confessam o islamismo e o cristianismo compartilhavam o espaço do albergue e sobre isso pautavam nossas conversas. Alguns falavam ter vindo de Accra e outros sobre a cidade de Kumasi, um pouco mais ao norte. Mas, por certo a conversa foi travada entre a equipe e aqueles que tinham maior desenvoltura com algum idioma além do idioma nativo. Alguns migrantes, com certeza, não interagimos porque não falavam plenamente o inglês. Da mesma forma, em nossa equipe o domínio de inglês e francês eram também tinham pouco domínio, mas a equipe se esmerava em acompanhar os diálogos que eram mantidos por outros grupos de interlocutores.

Transcorrido o mês de permanência no Seminário, praticamente desde o dia 5 de julho – quando tínhamos ingressado na tabela das semifinais da Copa

do Mundo – os ganenses já estavam sendo direcionados a outras cidades e restaria apenas uma dúzia deles no local até o final da semana. A isso, Maria do Carmo se referiu como a “síndrome do ninho vazio”. Havia todo um esforço concentrado por dar alguns destinos de empregos, removendo passo a passo os migrantes do Seminário enquanto outro grupo era atendido pela equipe do CAM (Maria do Carmo), o Padre Edmundo e a vereadora Denise Pessoa se concentravam em realizar o preenchimento de papéis relativos ao pedido de refúgio, obtenção do número do CPF e carteira de trabalho na cidade para que eles pudessem ser destinados concretamente ao mundo do trabalho. Isso fazia com que Maria do Carmo se dividisse entre buscar e levar migrantes do seminário para a Polícia federal e de lá para o ministério do trabalho, passando pelo banco para que pudessem fazer o CPF, lugares bastante distantes entre si na cidade, como pudemos constatar. Além de algumas peculiaridades, como a chegada de imigrantes agora em menor número.

Gutiélis comenta que a impressão inicial é de que o foco principal da atuação no alojamento era o de inserir o pessoal no trabalho, quando via outras tantas coisas a atender. Em torno dessas “outras coisas” é que a equipe começou a pensar modos de interação, especialmente na facilitar aprendizados e formas de comunicação em português.

“A curiosidade de um primeiro contato com os refugiados era grande. Haverá me inscrito no programa para este ser uma mais uma experiência dentro da minha área de estudo. Lembrei bastante da primeira reunião de preparação onde foi colocado o caráter experiencial de convivência do projeto: logo então entendi que não se tratava de uma missão de estudos. Nesse primeiro dia a experiência de reconhecimento do local aonde os inúmeros ganeses que chegavam ficavam, para mim, foi muito significativa. Na chegada ao seminário tive lembranças de um tempo no qual participei muito ativamente das pastorais sociais da igreja católica e que agora estava ali em outro contexto. A curiosidade era grande por saber em quais condições estavam, que língua falavam, como praticavam sua religiosidade, que experiências traziam da África, qual era a relação da cidade de Caxias com esses novos habitantes urbanos que ali ocupavam agora o espaço público. Estas entre várias outras vontades de saber foram o que aos poucos foi sendo vivenciado nesse primeiro dia de conhecimento e reconhecimento na experiência de estar junto e participar desse projeto.

Contudo me sentia meio perdido a primeiro momento por conhecer poucas pessoas que compunham a equipe e por não estar por dentro do tipo de trabalho que poderia ali ser realizado. A partir desse primeiro contato de conversa na parte da tarde tive certa dificuldade de comunicação pois era um dos únicos que não falava inglês, língua

compartilhada por basicamente todos os ganeses que ali estavam. Como iria me comunicar? Como poderia experienciar um relação proposta pelo projeto sem compartilhar da mesma língua falada? Estas questões me trouxeram uma preocupação e tentei me deslocar através de três estratégias: (a) estar junto com quem sabia falar inglês e assim poder me comunicar através do colega. (b) esforçar-me para através de sinais e outros elementos da linguagem corporal entender e passar alguma ideia. (c) aproximar dos refugiados que falavam português ou alguma língua com base latina. Nesse sentido a primeira pessoa que me comuniquei bem, para minha própria surpresa, foi “Ibraim”, um ganes que passou parte de sua infância e adolescência na Itália. Tentei então conversar com ele através de todos os elementos possíveis baseado no meu pouco conhecimento da língua italiana. Creio que deu certo. Ibraim me contou sua história, de sua família e me perguntou muito também sobre minha experiência na universidade, sobre como era minha vida aqui e insistiu para que o ensina-se a falar algumas coisas básicas em português.

No fim do dia com o conhecimento do alojamento na UCS a conversa que tive com Ibraim ficou, de fato, ressoando nos meus pensamentos. Como poderia amanhã, através do meu contato com ele, construir algo criativo que pudesse ajudá-lo por aqui? A reunião que tivemos com o grupo de trabalho a noite foi crucial neste sentido. Sentamos em roda, nos olhamos, nos reconhecemos, e pensamos juntos através da orientação da professora Denise possibilidades de organização de nossa relação que iria ser estabelecida, agora com focos de atenção mais específicos. No que poderia contribuir? Já teria uma ideia básica, através meu envolvimento no Núcleo de Pesquisa Urbana e Visual, de trabalhar com imagens. Haverá trazido uma câmera da UFRGS imaginando um possível uso dela como elemento socializador entre os ganeses. Propus então, dentre outras oficinas, o trabalho com fotografias. Esse trabalho não seria proposto afins proporcionais e sim com a ideia de que ele pudesse ser uma estratégia de aproximação das pessoas, das histórias, das ideias. Creio que a ideia foi bem recebida pela equipe encontrei na Amanda que faz Publicidade e Propaganda uma parceria para o desenvolvimento da ideia.” (José Luis Abalos Junior)



Ibraim usando seu telefone celular. Meu primeiro contato com a Ibraim que falava Italiano. (José Luis Abalos Junior)

4.2. Do alojamento dos ganeses ao nosso próprio alojamento

“Antes de irmos embora, descarregamos do ônibus as doações de alimentos que o DEDS havia coletado através do ingresso de domingo no planetário da UFRGS. Deixamos dezenas de sacolas em uma grande sala, dentro do seminário, onde já havia montes de roupas doadas também para os imigrantes”. (Diogo Quadros)



Setor do alojamento na vila olímpica com ponto de recolhimento de agasalhos para migrantes haitianos na Universidade de Caxias do Sul.

O ônibus nos levou do seminário até nosso alojamento na vila olímpica da UCS. Chegamos bastante tarde. Enquanto Rita e Patrícia nos acomodavam, nos colocavam a par dos horários e distribuíam o material trazido para nosso

uso, utilizamos a lancheria do anexo no lugar onde utilizaríamos também os chuveiros da unidade para comer algo. Após isso, convidei os alunos para conhecer a UCS após ter um mapa do campus e nos dirigimos a uma área que eu queria reencontrar, com bancos, restaurantes e alguns setores de atendimento da UCS. Fomos “por fora”, como sugeriu Adriana, sugerindo seguir a rua para não nos perdermos nas escadarias e caminhos do campus. Subimos uma colina para isso. A primeira entre tantas que subiríamos durante a semana.

Caminhando juntos pelo campus encontramos um palco na área em frente ao restaurante, com um tablado de madeira, já que estava tudo fechado sugeri nos sentarmos em círculo para nos conhecer melhor e acertar o dia seguinte. A princípio queria convidar o grupo a planejar as atividades na manhã seguinte, mas entre seus relatos já foram surgindo avaliações e sugestões de como atuar.

Como não sabíamos o nome de cada um de modo rápido fizemos uma rápida apresentação de si, já era a terceira vez que fazíamos isso, inclusive porque na pré-vivência já tínhamos feito isso. Jogando a palavra para o grupo, as manifestações sobre a tarde os mostravam bastante empolgados com a receptividade a nossa presença no albergue.

Também eram considerações que já vinham como inquietações, sobre fotos, informações e o que poderíamos fazer na manhã seguinte, sobre o manejo do português e, da parte dos alunos, da menor desenvoltura com o inglês, tentando arranhar um italiano ou espanhol.

“Manifestei minha vontade de passar logo pela manhã na livraria e levar mapas do Brasil e do RS porque pensava que eles não estavam sabendo as distâncias entre cidades para onde estavam sendo levados, nem o tamanho das cidades” (Denise Jardim).

Outra preocupação manifesta foi o da dificuldade de adaptação que poderiam ter em termos gerais. Deveriam aprender a manter uma conversa básica em português para perguntar e saber coisas, algo sobre a legislação trabalhista e o que seria o ensino no Brasil, como funciona deveriam ser explicados de alguma forma.

A primeira avaliação é que já fora muito bom descer do ônibus direto no Seminário, sem ter passado na UCS antes, ir direto. As demais que lembro falavam na dificuldade (suas) de não falar inglês, e algumas descobertas e alguém que fala italiano com Junior ou tentou comunicar-se em espanhol. A conversa já apontava para alguma interação mais concentrada que diferenciasse do contato inicial, mais disperso e fluido quanto a temas. Assim, aquilo que seria a nossa manhã seguinte já se esboçava ali na escolhas de

temas e grupos que trabalhariam concentradamente em fornecer informações e conversar sobre algumas temáticas.

Assim que decidimos por dividir ali mesmo os grupos de trabalho por temática para elaborar algumas informações visualmente na manhã seguinte e assim poder travar uma conversa mais direta sobre um quadro de informações e definirmos atividades através de pequenos grupos escolhidos livremente, cuidando para não deixar nenhum colega avulso.

Formamos 5 temáticas para criar, na manhã seguinte, uma espécie de feira guiada por facilitadores sobre 1) localização nos mapas do RS e Brasil, caracterização de regiões quanto a clima, tamanho da cidade e distâncias. 2) legislação trabalho – o grupo faria algumas impressões extraídas da internet, feitas pelo Ministério do Trabalho para informar imigrantes haitianos, como lembravam Luiza e Diogo, a fim de travar uma boa conversa esclarecendo direitos e deveres trabalhistas 3) sobre o ensino no Brasil e como funciona e 4) uma conversa básica no português, para auto apresentação, para move-se perguntando e prevendo respostas a perguntas simples sobre onde e como localizar algo, pedir informação. 5) Uma quinta atividade seria desenvolvida por Luis Junior, uma oficina de fotos colocando sua câmera a disposição dos rapazes e no dia seguinte imprimindo fotos, mesmo a de seus celulares que achassem interessantes, para no dia seguinte fazer uma exposição em um “varal” no ginásio.

Estabelecemos um horário para dar o início aos trabalhos de grupo na manhã seguinte e definimos os grupos. Na prática, o grupo dos mapas dependia tão somente da compra de mapas a ser disposto no salão e a oficina seria pensada – mais adiante.

Seguimos o planejamento das atividades um dia de cada vez, a cada final de dia, de acordo com o que considerássemos coletivamente. Algumas preocupações que norteavam essa medida:

- Manter o foco, para que além do Seminário e dos ganenses, os alunos conhecessem algo dos senegaleses e haitianos em momentos diferentes na imigração e na cidade, bem como os atendimentos que os ganenses estavam experimentando na polícia federal, serviço nacional de Emprego, bancos, a sede do CAM etc.

- Vendo as dinâmicas de registros e inúmeros formulários preenchidos na demanda por refúgio, emprego, etc, precisaria saber se o CAM tinha uma base consolidada sobre esses trânsitos para recuperar listagens em um momento seguinte da vida dos migrantes, quando teriam que resolver individualmente sua relação com a legalização no Brasil diante de um empregador.

- Para planejar o dia seguinte, precisava recuperar alguns contatos e nomes para que nos dirigíssemos de modo concreto a algumas pessoas-chaves em Caxias que propiciariam isso. A própria Maria do Carmo e a vereadora Denise Pessoa estavam bem absorvidas com situações concretas a atender sobre os ganeses.

- Para a equipe, ponderei sobre os cuidados de pedir permissão ao padre Edmundo em usar as paredes do ginásio para fixar cartazes em lugares mais permanentes e acessíveis a todos, pois pretendia deixar o material exposto em um local que possa ser acessado de modo permanente para futuros albergados. (Denise Jardim)

Na roda de conversa constituímos os seguintes grupos de trabalho:

- 1) Questões trabalhistas: Luiza, Diogo, João, Daniela, Amanda, Larissa e Norberto.
- 2) Sistema de ensino: Amanda, Barbara e Adriana (e Denise)
- 3) Mapas e distâncias Denise e Adriana
- 4) Português: Norberto, Gutiélis, Lisarb, Larissa e Luis Junior
- 5) Oficina de foto – Junior



4.3 Os grupos de trabalho e as oficinas

No dia 30 de agosto – quarta de manhã, a livraria da UCS tinha alguns mapas do Brasil e do RS para venda. Compramos alguns porta-crachás para a equipe e distribuí durante o café da manhã. Expliquei que isso seria interessante como forma dos ganenses aprenderem rapidamente nossos nomes e nos situar na universidade, embora saiba da resistência dos alunos em portar tal identificação na própria universidade, em função de uma foto tirada rapidamente ou desatualizada com a sua aparência atual.

“Depois do café da manhã, buscamos o prédio da biblioteca da UCS, que de modo muito rápido acolheu a entrada de nosso grupo de quase 12 pessoas, já que alguns foram atrás de impressoras e uso da internet no campus. O ingresso foi facilitado por uma lista um pouco apagada que eu tinha impresso em casa que nos identificava com nomes e dados de Carteiras de identidade e da UFRGS, a equipe em sua totalidade. Acrescentamos a isso uma coluna de CPFs e datas de nascimento. Nos foi rapidamente cedido o auditório, onde trabalhamos toda a manhã com ajuda de dicionários e o material de papelaria trazido em uma caixa amarela pela Rita e Patrícia, elaboramos nosso material” (Denise Jardim).



Na foto dois grupos temáticos se reúnem – sobre sistema escolar e sobre uma conversa inicial em português. Enquanto isso, os demais grupos buscam localizar lugares de impressão de materiais sobre a legislação trabalhista disponível na internet. A disposição dos mapas e a oficina de fotos seria um trabalho resolvido no ginásio e já tinham sido comprados no início da manhã, antes dessa reunião.

“O grupo que ficou encarregado de explicar os direitos trabalhistas no Brasil se reuniu logo após o café da manhã para preparar o trabalho. Cientes de que existia um guia sobre esse assunto preparado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) a imigrantes haitianos, a ideia inicial era imprimir várias versões desse documento, distribuí-las aos ganeses e discutir, em grupo, ponto a ponto. Após procurar uma gráfica dentro da UCS onde as impressões pudessem ser feitas, o grupo acessou o site do MTE e descobriu que apenas havia versões do documento em francês, crioulo e português, idiomas que os ganeses não compreendiam. O grupo mudou então a estratégia de trabalho e decidiu montar um cartaz que resumisse, em inglês, o que constava no documento. Compraram então uma cartolina e uma caneta na livraria da UCS, e voltaram ao bar do café da manhã, onde havia uma mesa de ping-pong sobre a qual fizeram o cartaz. Foram incluídos pontos como a carteira de trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho, o direito a férias, o INSS, o FGTS e o funcionamento dos sindicatos. Quando o cartaz ficou pronto, o grupo se dirigiu à biblioteca da UCS para se reunir aos restantes dos conviventes”. (Diogo Quadros)

No relato de Luis Abalos Junior:

“Na manhã de quarta acordei com vontade conhecer mais o campus da UCS. Assim fiz ajustes câmera que iria ser utilizada na parte da tarde com os ganeses e sai para tomar café com Gutiérrez e Norberto, que compartilhavam o mesmo quarto, pelo campus. Conhecemos um caminho interno de escadarias que levava aos a parte central do campus onde havia cafés e locais para impressão. Estava preocupado com a comunicação que estabeleceria com os ganeses no momento de falar sobre fotografia. Sendo assim, enquanto a equipe se encontrava na biblioteca da UCS, tratei de organizar um pequeno dicionário norteador da oficina. Nele fiz uma tradução em Inglês e Italiano (pensando no Ibraim) das questões colocadas.

Enquanto elaborava este manual na biblioteca encontrei-me com uma antiga colega das pastorais sociais que morava em Caxias. Falei pra ela do projeto convivências e a questioneei sobre o que achava da permanência dos refugiados na cidade. Ela foi uma das primeiras moradoras a me relatar detalhadamente a situação dos ganeses. Ouvindo ela, percebi um pouco da importância que tinha o fato de ouvir outras pessoas que não estariam diretamente ligadas à administração, a burocracia, ouvir pessoas que conviviam com esses novos moradores da cidade.

Almoçamos no RU que custei a encontrar pois não estava com a equipe. Aliás, isso se tornou constante, com os afazeres da oficina de fotografia acabei me distanciando um pouco dos trabalhos coletivos. No almoço a Rita do DEDS achou muito legal a ideia da oficina e me deu R\$20,00 para os custos com a montagem dos trabalhos. Na parte da tarde tive uma pequena decepção ao voltar ao seminário: Ibraim, pessoa que eu tivera tido um contato significativo no primeiro dia, havia ido trabalhar em São Sebastião do Cai numa empresa do ramo alimentício e deixava o grupo de refugiados por aquela manhã. Como visto, havia montado um material pensando nele como um interlocutor principal na socialização nos trabalhos da oficina. Mesmo, assim o trabalho transcorreu muito bem como imaginado. Sentei com a Amanda e pensamos juntos os trabalhos com a fotografia baseado mais ou menos em duas possibilidades de temas para as fotografias: (a) pedimos para que fotografassem coisas que eles não sabiam nomear. Essa ideia surgiu através do primeiro contato com os 4 rapazes que faziam as oficinas, eles foram escolhidos de maneira esporádica no meio de todos com a pergunta: “Do you like photography?” (b) pedimos que fotografassem gestos e expressões faciais das pessoas. Há eles isso gerou algum divertimento pois, de fato, gostaram bastante de aproximar a câmera dos seus rostos. A fotografia nesse sentido foi um meio socializador importante. Eles gostaram muito de tirar fotos e a todo o momento pediam para que eu ou Amanda tirasse uma foto com eles. Fomos ao campo de futebol, nas instalações onde dormiam na parte interna do seminário que os abrigara. Essa experiência de conviver e acompanhá-los com a câmera foi uma ferramenta para saber um pouco mais da história de todos os que participaram da atividade. Mohamed, ganês, foi o que mais se identificou e “monopolizara” o uso da câmera. Em fim falamos com eles que no dia seguinte faríamos uma espécie de exposição fotográfica das imagens que eles produziram e assim acabou esta tarde: na expectativa, nossa e deles, de ver o resultado do trabalho. (José Luis Abalos Junior)

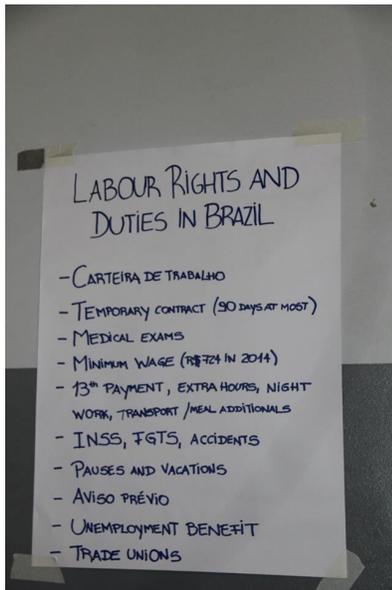
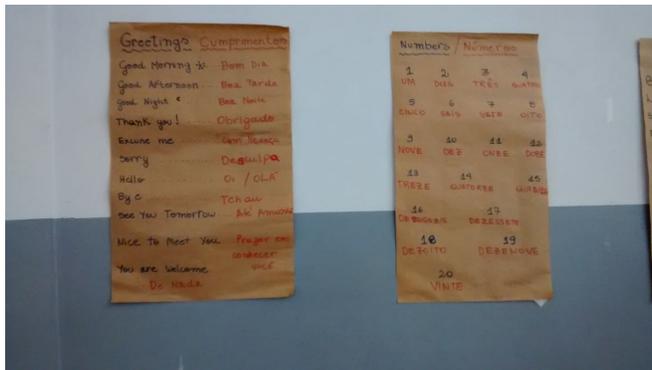
Você gosta de fotografia? Do you like photography? Ti piace la fotografia?	Let's take pictures? Prendiamo le foto?
Vamos tirar fotos? Facciamo sparare cosa?	Vamos fotografar o que? Let's shoot what?
O que é importante fotografar com sensibilidade? What is important shoot with sensitivity? Ciò che è importante sparare con sensibilità?	Colocar a corda no pescoço para não cair. Put the rope around his neck to keep from falling Mettere la corda intorno al collo per evitare di cadere
Fotografar a vida Photographing life Fotografare la vita	Cuidado para não bater Nix! Be careful not to hit Fare attenzione a non colpire
Expressões faciais Facial expressions Le espressioni facciali	Como usar a lente? Using the lens? Utilizzando la lente?
Alegria, Riso, Medo, Angústia Joy, Laughter, Fear, Anguish Gioia, Risate, paura, angoscia	Como usar a aproximação? Ver os detalhes das coisas na imagem. Using the approach? View the details of things in the image. Utilizzando l'approccio? Visualizzare i dettagli delle cose nell'immagine.
Cosas que não sabemos nomear Things we know not to appoint Cose che sappiamo di non nominare	Como capturar e visualizar To capture and view Per catturare e visualizzare
Cotidiano, dia a dia, o que vemos diariamente? Everyday, everyday, what we see every day? Ogni giorno, tutti i giorni, quello che vediamo ogni giorno?	Fotografia de perto e de longe Photography from near and far Fotografia da vicino e lontano
Como usar a câmera fotográfica? How to use the camera? Come utilizzare la fotocamera?	Amanhã vamos trazer as fotos impressas no papel Tomorrow we will bring photos printed on paper
Domani porteremo foto stampate su carta	Montaremos uma exposição com as fotos Mount an exhibition with photos
Vamos escolher quais as que mais gostamos Let us choose what we like Scegliamo ciò che ci piace Montare una mostra con le foto	Uma exposição virtual na internet A virtual exhibition on the internet
Viral com as impressões das fotos Clothesline with prints of photos Clothesline con stampe di fotografie Una mostra virtuale su internet	Where to begin? Da dove cominciare?
Vocês são os artistas You are artists Sei artisti	
Gostaram da ideia? Like the idea? Ti piace l'idea?	
Começamos por onde?	

Almoçamos no R. U. da UCS que é, na verdade um restaurante que pesa o prato e cobra pelo quilo, depois de passar no alojamento para deixar os excessos de materiais tomamos o ônibus de linha em direção ao Seminário.

“Ao entrar no Ginásio, o clima era de final de almoço, havia um cheiro de comida no ar e tinham sido usadas algumas das mesas para a refeição. Logo, a área que queríamos usar estava relativamente ocupada por algumas pessoas sentadas junto a parede. Busquei um espaço vazio entre as pessoas para posicionar e fixar o grande mapa do Brasil, e já com uma ajuda de um dos rapazes de Gana mais alto. Afinal, era também a negociação da altura do cartaz. Ele queria colocar mais alto, eu exclamei rindo e olhando para cima de que isso não era justo! Ele estava brincando comigo e sorria”. (Denise Jardim)

Depois posicionamos ao lado o mapa do RS com as distâncias entre algumas cidades e colamos papéis brancos que serviriam de margem para anotação (preservando a parede do Ginásio e servindo como quadro de anotações para nossas conversas). O grande mapa já despertou uma enorme curiosidade e reuniu um grupo de rapazes em torno dele, enquanto o resto de nossa equipe dispunha ao longo da parede informações concentradas – cartazes e a mesa ficaram para uma conversa sobre legislação, ao lado as informações sobre o sistema escolar e suas correspondências em inglês, o modo de validar ou declarar sua escolaridade em português bem como uma

localização de universidades públicas no sul do Brasil e tipos de universidades; públicas, comunitárias e privadas. O EJA e o ENEM também foram explicados nos cartazes como formas de validação por exame de um grau de escolaridade e o ingresso em universidades públicas. Na sequência no lugar central estava o mapa do Brasil e utilizando o canto da parede que está próximo ao lugar de maior circulação, foram posicionados os cartazes com frases básicas em português e seu correspondente em inglês, assim como informações iniciais sobre dias da semana, números.

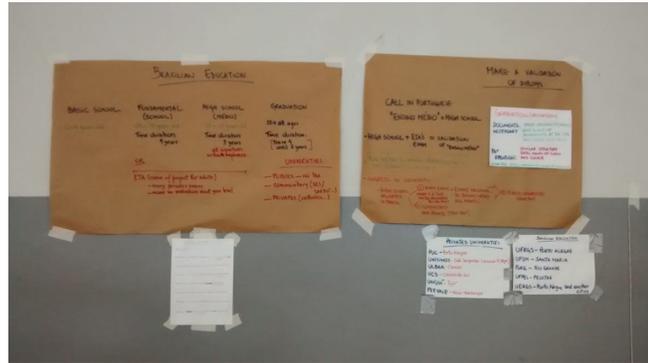


A equipe levou também um impresso retirado da internet, do site do Ministério do trabalho, elaborado para haitianos, para verter ao inglês.

“Os ganeses se aproximavam geralmente em grupos de 3 ou 4 pessoas. Ouviam atentamente as explicações dadas pelo grupo que havia montado o cartaz e faziam perguntas para esclarecerem certos pontos. Em alguns momentos, associavam os direitos brasileiros a

direitos análogos que existiam em Gana e os escreviam no cartaz”.
(Diogo Quadros)

Com os mapas comprados na livraria da UCS e produziu um material com frases em inglês e seu correspondente em português, além de dois cartazes sobre escolarização no Brasil, sobre o EJA e ENEM.





“Uma primeira conversa sobre o idioma, nem bem tinha terminado de colar cartazes e chegado, eles tinham muitas perguntas sobre como se dizem coisa em português, lógicas da língua e como se escreve para não esquecer” (Denise Jardim)



“Comecei a ajudar na explicação sobre o sistema de ensino e, então, fui chamada por Júnior para ajudar na tradução para o inglês. Primeiro explicamos a um pequeno grupo de três ganeses, que participariam da atividade, qual a ideia da oficina: que eles tirassem fotos de coisas que faziam parte de seus cotidianos, o que quisessem. Logo após, ensinamos a manusear a câmera e saímos pelo ginásio e pelo Seminário registrando suas realidades e experiências diárias. Saímos do ginásio, fomos ao pátio, ao campo de futebol, junto a uma parte externa com várias árvores e etc. Então, surgiu a ideia, por parte de um dos ganeses, de irmos até o alojamento, fui interceptada para pedir autorização ao Pe. Edimundo, que prontamente aceitou. Não acompanhei os rapazes nessa parte do passeio, quando somente Júnior compareceu. Logo que foram ao dormitório Júnior e os participantes da oficina, fui para o ginásio e, como não havia demanda de explicações sobre o sistema de ensino, comecei a tirar fotos com a câmera do DEDS. Cada um dos migrantes lá alojados tinha gostava muito da ideia de registrar cada momento que vivia lá e cada pessoa que encontrava, por isso, não foram poucas as fotos, sejam as “selfies” que tiravam com os próprios celulares de uns com os outros ou com a equipe da UFRGS, sejam os registros feitos por nós”. (Amanda Gonçalves)

O segundo dia termina quando chegamos a nosso alojamento a tempo de comer algo e usar o centro olímpico que tem como teto o horário das 22:30 para o encerramento. Muitos comeram somente um lanche e, com certeza estavam exaustos das conversas travados em inglês e a intensa interação com várias pessoas ao mesmo tempo.

Nesse sentido, combinamos de nos encontrar em um horário viável ainda no saguão da vila olímpica para conversar sobre o dia seguinte, o que fizemos de modo bastante pontual. Tínhamos questões práticas a resolver. Luis Junior deveria encontrar um modo de imprimir as fotos da oficina ainda pela manhã antes de irmos ao seminário, eu tentaria encontrar alguns livros de aprendizado da língua portuguesa ou dicionários de bolso antes de seguirmos para nosso segundo dia, ainda no turno da manhã. Combinamos de tomar um café bem reforçado para permanecer mais tempo no dia seguinte a fim de acompanhar a saída de um dos grupos para seus destinos de trabalho. Um grupo sairia muito cedo da manhã, mas outro sairia somente as 14h30min.

Na quinta-feira, decidimos então que nossa estadia não se prolongaria até sábado, ao constatar que 1) muitos dos rapazes estariam saindo do albergue 2) deveríamos conhecer outros lugares que fazem o atendimento e interpelam os migrantes em Caxias como o CAM, a polícia federal e encontrar senegaleses e haitianos que já estão instalados na cidade. Portanto, o dia seguinte seria o terceiro dia e último de nossas atividades no seminário e deveria ser bem aproveitado. Com certeza, uma decisão difícil, pois era sempre muito difícil encerrar conversas com os rapazes de Gana. Estávamos todos muito animados com as conversas que estavam sendo travadas durante toda a tarde com os ganenses e de lá saíamos todos também muito exaustos.

4.4 No alojamento dos ganeses e as atividades

No dia 31 de agosto – quinta de manhã, todos na lancheria para o café da manhã na vila olímpica, uma lancheria que contava inclusive em servir almoço para nós no sábado, e que declinamos da permanência para voltarmos a Porto Alegre já na sexta-feira à tardinha. Constatamos que o alojamento estava sendo esvaziado e que pouco renderia o tempo em Caxias se não conhecêssemos mais sobre a imigração na cidade.

O dia amanheceu meio nublado e uma chuva fraca nos acompanhava. Deixamos Junior em busca de sua impressora, pegamos somente os materiais que nos ajudariam na interação com os rapazes, canetas e blocos, dicionários comprados e levei meu chimarrão para tomar com o pessoal. Junior foi a busca da impressora para suas fotos e tomou o ônibus mais tarde, entretanto, nós pegamos a mesma linha em sentido contrário e fizemos uma enorme volta com direito a espera em ponto final. Enfim, trocas de whatsapp, Junior já nos esperava no Seminário.

Fomos subindo o morro novamente e cruzamos pelos rapazes albergados que sobem e descem o morro, nesse caso, me contam que estavam comprando algo na farmácia para o ressecamento da pele, que não estavam acostumados com tanto frio.

“Meia dúzia de perguntas para saber se eu era casada, a que respondo que sim, mais ou menos uns 20 anos e que tenho um filho de 17. Isso deixa impressionado, ele diz que também tem dois filhos e que eles ficaram com a mãe em Gana, um tem 3 outro tem 10 anos. Ficaram com a família? Pergunto. Ele responde que ficaram com a mãe. Em nossa chegada muitos nos dão Bom dia em português, ao que respondemos sorrindo. Chegamos atrasados, me desculpo. Pegamos o ônibus errado, completo em inglês”. (Denise Jardim)

Nesta manhã posicionamos nosso banner para identificar nossa equipe e dar algumas direções na internet, já explicitando que esse seria nossa última visita ao local. Trouxe um chimarrão que teve apenas dois corajosos provadores, além da própria equipe que voltava e tomava o chimarrão em cima do banquinho. Recomendava para que não enchessem muito de água a cuia pois eles achavam muito amargo, e não queriam tomar tudo, finalizando a cuia por insistência nossa e rindo meio sem graça... Apesar de aprovar o fato de ser um chá e ouvir explicações sobre o fato de ser uma bebida compartilhada em rodas de conversa entre vizinhos e familiares. Mas a cuia não era tão interessante quanto às pessoas retornando e outras chegando pela primeira vez para aprender algumas pronúncias daquilo que estava nos cartazes.

As fotos que foram realizadas na oficina também foram ali expostas estão no anexo desse relatório:



“Logo que cheguei fui procurada pelos participantes da oficina de fotografia do dia anterior, que queriam compartilhar suas impressões sobre o resultado da oficina e começamos a montar o varal com as fotos

que haviam sido impressas. Fui abordada por um rapaz que queria aprender português e fomos fazendo um dicionário inglês-português em que ele escrevia a pronúncia das palavras, como elas seriam ditas de acordo com os sons do seu dialeto: o hausa, ao lado da sua tradução, para assimilar aos sons das pronúncias. Essa manhã também foi a oportunidade em que fiz um mini-dicionário português-hausa, aprendendo diversas expressões, fato que gerou diversas risadas, já que era difícil para mim pronunciar os sons dessa outra língua”. (Amanda Gonçalves)

Dos rapazes menores de idade, naquela manhã uma equipe do Juventude (futebol) tinha proposto a hospedagem dos rapazes para um período de teste, algo específico para os ganenses, me explicou Denise Pessoa que também estava no albergue. Assim, se no dia anterior o pessoal do CAM dizia que o rapaz seria movido para um albergue para menores da cidade, no dia seguinte havia uma proposta do juventude para hospedar os menores e alguns outros ganenses em um período de estágio. Perguntei se era um programa regular, ela disse que não e queria que eu traduzisse que não era um contrato para peneira e sim um período de experiência. O garoto era aquele que no primeiro dia perguntava insistentemente como se fazia para ingressar em um clube de futebol no Brasil. Diogo teve que fazer essa tradução para colocar os termos corretos, que por sinal seriam bem decepcionantes para o garoto, mas que para a turma do CAM dava uma alternativa ao albergue de jovens órfãos, como era o caso dele.

“A proposta do Juventude era levar um grupo de no máximo dez ganenses para jogar bola aos sábados. O objetivo era tanto ajudar na socialização dos imigrantes com brasileiros através do futebol, como expor esses imigrantes à vista de olheiros que pudessem contratá-los. O projeto não incluía nenhuma forma de pagamento e requeria que os interessados morassem em Caxias. Essas condições impediram uma grande adesão dos ganenses ao projeto” (Diogo Quadros).

“Ibrahim, que havia conversado muito comigo diz que nem dormiu direito. Brinquei com ele que era pra ter sonhado em português. Coloco minhas coisas no chão e a equipe vai empilhando seus casacos e bolsas em uma grande pilha de objetos. Vamos já reconhecendo as pessoas com quem conversamos no dia seguinte, alguns nos abordam pela primeira vez” (Denise Jardim).

“Dentro do ginásio, o interesse pelos cartazes continuava. Conversei com um ganês que se demorou vários minutos nos mapas. Ele me contou um pouco de sua vida e falou que havia cuidado dos animais da fazenda de sua família em Gana durante um tempo. Quando

então explico a distribuição das atividades econômicas pelas regiões do Brasil e digo que o Rio Grande do Sul era um dos estados brasileiros onde a pecuária era mais expressiva, ele se mostrou surpreso e feliz. Disse que passaria a procurar empregos nessa área e pediu que eu o mantivesse informado sobre vagas disponíveis. Quando lhe comentei que, nas fazendas gaúchas, poderia haver certo estranhamento a muçulmanos, como era o caso dele, mostrou-se despreocupado, pois me disse que havia aprendido a conviver melhor com os cristãos ali no seminário. Contou-me que, enquanto em Gana existia uma certa segregação espacial entre os dois grupos religiosos, essas diferenças haviam se abrandado no seminário, onde todos dormiam e comiam juntos. (Diogo Quadros).

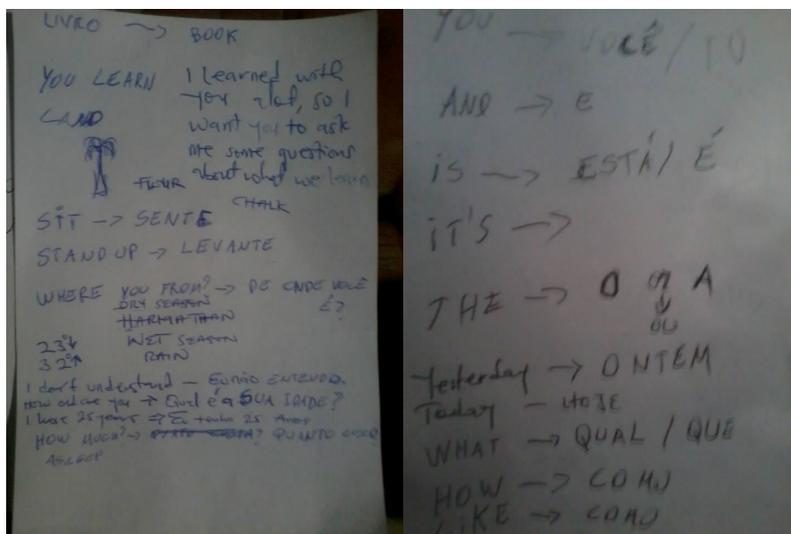
Nesse período, ficamos sabendo os nomes das empresas que teriam levado os rapazes cedo da manhã. Seria o Olderich que é uma indústria de alimentos. Também a Nicoline, outra indústria de alimentos teria recrutado outros rapazes e, por fim, o rapaz que nos mostrou seu certificado dizia que 10 rapazes iriam para um hotel em Gramado. O nome do hotel veio em um pedaço de papel para que eu lesse. Copiei e disse que lá se realiza um importante festival de cinema e quem sabe o hotel pretende um público mais internacional. Depois não vi muito o professor, mas passei a ele o único exemplar de uma minigramática da língua portuguesa. Lembro que ele falara no primeiro dia que se tivesse um livro de português poderia estudar sozinho. Ele ficou bem contente com a minigramática e seguiu nesse espaço com outras conversas, enquanto eu abordava outros rapazes. Como no primeiro dia, alguns ficavam muito próximos e quietos mas não se aproximavam dos cartazes. Assim, eu apresentava para Diogo e João um ou outro rapaz para que também participassem das conversas em inglês.

Durante essa manhã combinei com a vereadora uma visita a câmara dos vereadores para que ela pudesse nos relatar sua experiência e o que tem sido encaminhado em Caxias. Eu estava muito preocupada com os destinos das pessoas ali albergadas, exatamente porque estavam sendo direcionadas para outras cidades e não sabia se havia um registro capaz de reencontrá-las futuramente, uma vez que o protocolo de refúgio tramitaria e potencialmente elas teriam que ser representadas e recorrer individualmente daqui a um ano. Como uma pessoa faria isso sozinha sem o apoio de coletivos? Marcamos às 15h para que todo o grupo fosse até a câmara de vereadores fazer perguntas que, em geral, refletiam em voz alta comigo e que tampouco eu sabia responder. Naquela manhã, além de nossa equipe, a própria equipe do CAM (duas a três pessoas) e a vereadora ainda permaneciam no albergue pela manhã, com suas rotinas relativas a encaminhamentos de documentos,

definições de destino dos menores (dois) que tinham que ser encaminhados do seminário para outros locais.

“Lembro que Junior jogou uma bola no campo de futebol no centro do alojamento com outro rapaz de Gana, Gutiélis não conseguia interromper sua conversa diante do mapa do Brasil e já estávamos de partida. Luiza tinha uma série de conversas sobre como esclareceram o funcionamento da universidade em Gana. João e Diogo percebiam que os rapazes ao aprender sobre leis trabalhistas no Brasil faziam correspondências ao que era a lei em Gana em distintos aspectos. Amanda, Daniele tinham muitas informações sobre o islamismo e como as mulheres usavam ou não o véu quando solteiras ou casadas. Eu perdi as contas sobre quantos rapazes eu tinha abordado para escrever seu nome, repetir o alfabeto em português e palavras que estavam nos cartazes. Localizava alguns provenientes de Acra outros de uma cidade Kumasi, ao norte. De toda forma, não interagimos com todas as pessoas do albergue que estavam entre 80 pessoas, mas interagimos com pessoas individualmente ou em conversas com duplas que já pareciam ser parceiros de convívio no albergue.” (Denise Jardim)

Um dos rapazes mostrava a quantidade de papéis com palavras por ele escritas e eu o mostrava como pronunciar sílabas para uma leitura mais facilitada do que havia escrito em português. Ele já sentava na única classe diante do banner do Projeto Convivências. Disse que queria ser historiador. Outro disse que era operador de máquinas de porto. Outro disse que gostaria de ser motorista. Esse era o rapaz que sabia falar as palavras mais corretamente porque, segundo conta tinha tido aula de espanhol.



Desta vez o levamos o Banner do projeto Convivências para que pudessem copiar nosso endereço na internet e nos situar enquanto equipe da

UFRGS. Informação que transcrevi em nosso material que ficou exposto no albergue, antes de guardar o banner.

“Nossa saída foi durante o almoço dos rapazes. Havia uma fila para entrar na cozinha e se servirem. Durante toda a manhã uma equipe de 6 pessoas estava nesta área preparando o almoço que era, ao fim, um grande prato de arroz servido com um pedaço de galinha e um molho. Quando começaram a sair os pratos servidos da cozinha e a fila começara a acontecer, entendi que seria um bom momento para não “sobrarmos” e poderíamos rumar para nossa conversa na Câmara dos vereadores. Não antes de um dos rapazes passar com seu prato oferecendo para provarmos a comida. Assim, Junior, Gutiélis e eu provamos de seu prato. Ainda brinquei que reclamaria se não tivesse sal, ele riu e disse que estava muito bom. E estava muito bom mesmo o que já dava um parâmetro da *expertize* dos cozinheiros em cozinhar para quase 90 pessoas e fazer algo saboroso” (Denise Jardim)

“Depois de uma longa troca de expressões em inglês-português e em inglês-hausa e hábitos culturais, terminamos nossa aula de português para ele e hausa para mim. Logo em seguida, fui chamada por um grupo que conversava sobre hábitos culturais e religião, no grupo havia alguns do grupo da UFRGS juntamente com alguns ganenses mulçumanos, que nos explicavam aspectos de sua religião, nos mostravam o Corão, explicavam como faziam suas orações, o sentido de cada coisa de sua fé, assim como de seus hábitos. Assim que terminamos, segui conversando com um dos jovens que havia participado da oficina de fotografia no dia anterior, ele me contava que havia gostado muito da atividade e me perguntou se já havia provado uma comida africana, disse que não e ele mandou que esperasse. Minutos depois, chegou com um grande prato de comida e um garfo e disse que era pra mim, não comi o prato todo, mas tive a oportunidade de provar o alimento que era muito saboroso e que não se aproximava de nada que eu havia experimentado anteriormente, todos do grupo da UFRGS tivemos a oportunidade de provar o prato tão delicioso. (Amanda Gonçalves)

Esclarecemos desde o início que viríamos ao seminário por 3 tardes. Mas isso ficou mais evidente quando nos despedimos dizendo que no outro dia não voltaríamos ao seminário porque deveríamos conhecer outros lugares como a polícia federal e o CAM. Tínhamos combinado com a vereadora Denise Pessoa, ainda naquela manhã, que a encontraríamos às 15h na câmara de vereadores e, com todos os atrasos de conseguir sair dessa intensa conversa e nos despedirmos dos rapazes, juntar todos os alunos, tirar muitas fotos em seus celulares sobre nossa visita ao albergue, com lembranças com nossos

interlocutores, deixar os outros dois dicionários que tinha em mãos do rapaz que tinha estudado espanhol e de Ibrahim que já se mostrava ensinando aos demais como ler aquilo que escrevemos nos cartazes e fotos tiradas nos celulares deles e nossos, conseguimos descer o morro e buscar um almoço fora de hora no centro da cidade.

Tentamos almoçar no pé do morro, mas o restaurante já estava fechado. Norberto ficara no seminário preenchendo papéis, foi o que recebi por whatsapp de Maria do Carmo ou Denise Pessoa, o fato de ter “retido um dos teus alunos”.

Naquela manhã a equipe chega em diferentes horários no alojamento, em função de termos tomado o ônibus certo, mas na perfazendo o sentido circular contrário. Luis Abalos Junior chega antes e começa a organizar a manhã de atividades:

“Na manhã de quinta acordei preocupado com a montagem da “exposição”. Tomei com café no campus com toda a equipe e tratei de buscar locais que imprimissem as imagens. Nessa procura entrei em contato com algumas e locais do mundo acadêmico da UCS como o DCE, onde uma estudante chamada Carolina foi muito receptiva e fez vários questionamentos sobre o projeto e sobre nossa estadia pela vila olímpica. Outro local que entrei em contato foi o laboratório de informática da universidade, em que as funcionárias não me deixaram usar os computadores por não ser estudante desta universidade. Em fim me dirigi à biblioteca onde sabia que haveria computadores disponíveis, pois já havia os utilizado no dia anterior. Nesta encontrei uma velha amiga que ali estava fazendo um trabalho e deste encontro surgiu o convite de almoçar na casa dela no dia seguinte já que eu estava me programando para ir ao bairro Desvio Rizzo (e onde fica a sede do CAM) que é a comunidade onde ela vive.

Por fim consegui um local dentro da universidade que imprimiu as imagens. Não usei nenhum tipo de tratamento nas fotografias: apenas fiz uma seleção prévia de quais iria imprimir. Essa seleção não foi fácil e se baseou naqueles dois fatores que tínhamos nos proposto em fotografar no projeto da oficina.

Todo esse trabalho fez atrasar-me e não consegui sair com toda a equipe para seminário. Mesmo saindo posteriormente à equipe, me deparei surpreso na minha chegada ao local quando vi que a equipe ainda não estava lá. Os ganeses ficaram muito felizes quando me viram e pediram pra ver as fotografias. Contextualizado que a equipe tomara o ônibus errado fiquei com Mohamed mostrando as fotos. Mas como apresentá-las? Como poderíamos expor? Essa decisão foi tomada em

conjunto com eles. Achemos melhor fazer um “varal” com barbante onde as fotografias ficariam lado a lado. Com ajuda da equipe montamos o espaço que foi bastante ocupado tanto pelos fotógrafos quanto pelos fotografados. Neste início de tarde nos despedimos e as imagens ficaram pelo espaço, pois muitos deles demonstraram interesse em ficar com as fotos”. (Luis Abalos Junior)

5. Relato sobre o atendimento a imigrantes em Caxias

Na parada de ônibus, a dúvida se deveríamos caminhar até o centro ou esperar o ônibus. Tomamos o ônibus, pela indicação das pessoas esperando no ponto, seria mais prático. Decidimos descer no centro assim que avistássemos um restaurante ainda aberto. Havia um de esquina que tinha Buffet por quilo, mas quando entramos percebemos que as cubas já estavam sendo esvaziadas e lavadas. No entanto, a senhora que atende nas mesas e o senhor atrás do balcão nos ofereceram um *a la minuta* para todos nós, com refrigerantes litros para compartilharmos. A atendente tinha um sotaque, e nos abordou perguntando de onde éramos. Identificamos-nos como uma equipe da UFRGS que estava na cidade por conta da imigração. Ela ressaltou como isso era importante e como era difícil dar indicações para as pessoas que ali chegavam, de todos os lugares, para aprender o português. Eu perguntei de onde ela era. Disse que era do Chile, que já sabia falar português, mas sempre poderia indicar a ajuda para alguém que chega na cidade e pergunta a ela.

Os ganenses não tinham circulado pelo centro da cidade como os haitianos e senegaleses que víamos em torno da praça com suas pequenas mesas vendendo relógios e correntes douradas. O seminário localizado no topo de um morro era um lugar que poucas pessoas brasileiras, além da equipe do CAM ou de empresários que ali iam diretamente, pareciam visitá-los. Assim, dos ganenses parece que a própria população da cidade só tinha notícia pelo jornal.

“A atendente pediu que déssemos uma referência sobre quem atenderia migrantes e prontamente deixei com ela o endereço da Igreja Pompéia em Porto Alegre. Ela disse que sim, que conhece a Igreja, é dos scalabrianos, falou do CAM e conhecia o trabalho da irmã Maria do Carmo. Por uma coincidência “divina”, aqui vale a piada, parte da equipe foi interpelada pelos ganenses sobre se acreditava em Deus... e a televisão estava sintonizada na sessão da tarde e, enquanto almoçávamos podemos ver o filme “O Terminal” com Tom Hanks, sobre o sujeito que fica apátrida quando chega a nova York e tem de viver um período de tempo longo dentro do aeroporto, sobre sua relação com a polícia e com os funcionários do aeroporto. Os olhares de toda a equipe

se voltavam para o televisor achando aquela coincidência inusitada.”
(Denise Jardim)

Enfim, mesmo que todos tivessem já visto o filme, e achássemos uma incrível coincidência com o que estávamos vivenciando, parecia algo muito absorvente revê-lo. Mas não pudemos ficar até o final porque já estávamos atrasados para o encontro com a vereadora Denise Pessoa e íamos caminhando do centro até a Câmara dos vereadores, sem saber exatamente o tempo e a distância. O dono do restaurante nos explicou o caminho e disse que ficava logo depois da *praça dos macaquinhos*, que de nossa equipe, somente Adriana a conhecia. Nessa altura, meu celular indicava a Norberto onde estávamos. Alguém do seminário se desculpava comigo por whatsapp, por ter ficado com um dos meus alunos (Norberto) para preencher solicitações de refúgio fornecidos pela polícia, um formulário em inglês, e que deveriam ser levados no dia seguinte para dar encaminhamento ao pedido de refúgio. Eram os 6 ganenses que tinham chegado no dia anterior.

Nessa caminhada através do centro, o grupo tentava se dirigir aos Bancos em nosso caminho, na praça central, para ver se poderiam já sacar algo das diárias do projeto. Mas ficou acertado que na sexta-feira de manhã poderíamos descer diretamente no centro na hora do almoço para fazer isso de modo coletivo.

Na Câmara dos vereadores chegamos às 16, correndo, esbaforidos! A vereadora também se dividiu entre suas atividades para nos atender e nos deu quase duas horas de sua atenção para nossa conversa.

- Entrevista com a vereadora Denise Pessoa

Chegamos à câmara dos vereadores e fomos recebidos pela assessora da vereadora que nos levou a uma sala de reuniões, enquanto ela se desvencilharia de sua sessão, nós a esperamos por algum tempo com seus dois assessores. A primeira assessora nos levou até a sala de reuniões e o rapaz que nos recebe senta-se junto à mesa para anotar e elaborar uma nota sobre nossa visita; quem éramos, de onde vínhamos. Tratava de gerar uma notícia oficial de nossa visita para o blog da vereadora. Posicionamos nosso banner para que ele pudesse copiar as informações.

Enquanto esperávamos nesta sala, ainda passou por lá um vereador que queria saber de onde éramos e o que fazíamos que, lembra Diogo, trata-se de Rafael Bueno, do PCdoB, que aproveitou para divulgar sua proposta de se construir um campus da UFRGS em Caxias. Participavam dessa conversa o assessor, que aproveitava e respondia para ambos, ao mesmo tempo, prosseguindo a explicação sobre nossa presença.

A vereadora Denise Pessoa chega na sala e senta na mesa (em formato de “U”) pois já tínhamos aproximado nossas cadeiras avulsas para nos sentarmos mais próximos. Ela se desculpa por manter o celular ligado, pois está sendo ajudada por um colega na sessão para não se ausentar de alguma atividade importante no plenário enquanto nos recebe.



Foto do assessor da vereadora Denise Pessoa– nesta foto Silvia Zelaya já retornara a Porto Alegre para efetuar sua viagem a congresso de antropologia.

Denise Pessoa se apresenta (arquiteta de formação, única mulher na representação da Câmara, em seu terceiro mandato...) e se coloca a disposição para nossas perguntas. Eu insisto que gostaríamos de saber sobre alguns aspectos que ela vivenciou com a questão das migrações e dos ganenses na cidade. Ela explica que desde o dia 2 de julho começaram a chegar cerca de 20 a grupos de 40 pessoas diretamente na rodoviária de Caxias. E que o Padre Edmundo e o CAM os levavam diretamente da rodoviária, muitos estavam dormindo lá, era inverno, para a sede do CAM para preencher formulários. Mas eram muitos e alguns deles dormiram nas ruas até diante da polícia federal. Afirma que esse é um tema que desperta pouca atenção dos demais, entre eles porque migrante não vota, mas que ela tem se envolvido com questões humanitárias, pois é da comissão de direitos humanos da casa.

Daí que tomou a iniciativa em fazer o preenchimento de formulário não mais no CAM, que era distante de tudo e as pessoas da cidade não viam que havia tanta gente e resolveu usar o auditório da câmara dos vereadores para dar visibilidade ao problema. Com ajuda de voluntários da câmara, que foram muito atuantes, ajudaram a fazer o preenchimento dos formulários que primeiro

vinham em português, o que não era o ideal porque eles próprios deveriam preencher e explicitar as razões de seu pedido de refúgio em seu idioma, ou seja, em inglês.

Entre as várias coisas que nos relatou destacou que há na cidade cerca de 3 mil estrangeiros, entre haitianos e senegaleses, em Caxias do Sul. Havia vários problemas a enfrentar. O primeiro é que em geral, os funcionários da polícia não olham as novas resoluções (de abril) e tiveram que mostrar as mesmas para as equipes da polícia federal. A equipe que trabalha em Caxias do Sul, que é *terceirizada*, foi bem rápida em se adequar a essas resoluções, mas em Criciúma, de onde estavam vindo, a vereadora fez uma visita para saber porquê de lá vinha tanta gente e descobriu que o delegado de lá fazia tão somente dois agendamentos de preenchimento de solicitação de refúgio por dia. Há cidades que demoram 2 ou 3 dias para fazer encaminhamentos, quanto outras, como Caxias, agendam 15 pessoas por dia. Então havia problema dos serviços federais, do Banco do Brasil da retirada do CPF, carteira de trabalho. Constata, portanto que muitos não estão preparados e não avançaram muito. E, em alguns casos, deixam muito tempo um ganense esperando, “e pior, atende primeiro a pessoa branca”. Em outros casos, houve a emissão de um protocolo com validade de 6 meses, quando deveria ser para um ano. “Por que em Caxias é um ano e em Criciúma é 6 meses?” Indagou. Disse que foi a Criciúma para entender o que se passava, porque os ganenses estavam indo de Criciúma para Caxias. Em outros casos, a urgência em atender uma pessoa cujo protocolo está para vencer era agendada em data em que o protocolo estaria expirado, o que era justificado que o fato de estar agendado asseguraria sua regularidade, o que não é nada garantido.

Pergunto em que mudou depois da visita do Ministério da Justiça? (Uma semana antes da chegada de nossa equipe). Afirma que a chegada de João Guilherme Granja foi fundamental, esclarecendo a polícia federal sobre procedimentos e esclarecendo ao município, e ao prefeito, sobre os direitos dos pleiteantes a refúgio, em contraposição a desinformação da prefeitura sobre a questão. Uma equipe do SINE disponibilizou uma unidade móvel para cadastrar os ganenses e, concretamente, “acabamos com as carteiras de trabalho da cidade, estamos esperando mais carteiras”.

Pergunto se há algum registro dos ganenses que passam em Caxias e para onde vão? Ela explica que a câmara mantém um registro, a partir das muitas colaborações do trabalho dos funcionários da câmara que se envolveram com a questão. Muitos informes foram remetidos diretamente por ela para o ministério da justiça. Então se sabe também através do SINE que fez registros para onde foram os ganenses empregados em quais empresas:

A empresa Oderich em São Sebastião do Cai

A empresa perdigão/Sadia em Marau

A empresa Nicoline – frigorífico – alimentos na cidade de Nova Araçá.

Em empresas metalúrgicas e na há 15 soldados senegaleses. Embora o empresariado disseminasse a noção de “crise” em Caxias, nós sabemos que não é em todos os setores e que é uma maneira de disseminar um medo. Inclusive, algumas empresas adotaram liberar os funcionários nas sextas-feiras. A RANDOM está dando folgas nas sextas-feiras como forma de não negociar e não provocar demissões massivas. A informação coincidia com o noticiário que ouvíamos de manhã cedo durante nosso café da manhã na lancheria do alojamento e nos pronunciamentos dos sindicatos que veiculavam sua percepção de uma crise como forma de gerar demissões.

A vereadora conta também que a Panex, teria contratado imigrantes como carregadores para transportador, mas salienta que não quis em nenhum momento direcionar os imigrantes para a construção civil. Atualmente, um hotel (em Gramado) e um frigorífico de Sapucaia estão levando imigrantes para suas cidades. Eles passam por exame físico e apenas 2 imigrantes foram recusados, indo então 17 pessoas para a cidade de Marau, que é um pólo da indústria de alimentos.

A empresa chega, às vezes, e faz tão somente uma apresentação em Power point, mostra vídeos da empresa. Outra já tem outros estrangeiros que falam inglês.

Quanto ao salário? Houve muitas negociações em que o valor da carteira era complementado por algo “por fora”, mas esse “por fora” foi sendo reduzido gradativamente. Relatamos ouvir que uma das propostas quando de nossa estada no alojamento é que seria um salário e um valor “por peça” fabricada, explicado como uma forma de estímulo a produção.

Dois rapazes que iriam para o interior, iriam cuidar de vacas e tirar leite recebendo 1300 reais, com casa e tudo. Outros são empregados por 1000 reais com alojamento incluído.

Pondero a vereadora que o alojamento no Seminário parece estar fechando. Qual o destino do alojamento? (Denise Jardim)

- Disse que no caso dos senegaleses, havia uma casa que a igreja católica pagava e era subsidiada pela prefeitura. Como a prefeitura se retirou desse aluguel, os senegaleses constituíram uma casa para acolher os recém chegados que é mantida pela própria coletividade. Pondera que se tem muito medo de tratar bem o imigrante e isso ser um atrativo para os novos fluxos.

Norberto Decker pergunta como é o atendimento da PF em Caxias do Sul? Denise Pessoa lembra que atendiam um ou dois por dia, alguns dormiam na rua (em Caxias). Mas que na região sul, houve até uma Audiência Pública que lotou e acabou mudando os procedimentos. Ela própria tem caixas de documentos que remetia para informar o Ministério da Justiça. Ela fala muito bem dos dois funcionários terceirizados que atuam na PF de Caxias do Sul.

Norberto Decker fala de sua experiência com o preenchimento dos documentos e que o anexo 1 e o anexo 2 são quase iguais? Pergunta, por que isso? Ela responde que também entende que só o anexo 1 seria suficiente, o anexo 2 é só mais papel e o anexo 3, é o termo de declaração frente ao agente da polícia assinar.

Pergunto sobre as excepcionalidades, o que ela lembra ter ocorrido nesse período? (Denise Jardim) Responde sobre a chegada de dois menores de idade e que queriam identificar algum responsável e que no final, seria um juiz a definir o destino do garoto, identificamos como aquele que vai para a escola de futebol do Juventude.

- Refere a casos de saúde que deveriam ser cuidados. Um empregador que não quis levar senegaleses para trabalhar em uma cooperativa de alimentos de Pelotas, repetindo a alegação dos “perigos para a saúde da cidade”.

- Lembra de um imigrante gripado, que ela preferiu chamar um médico particular, pois temia que uma simples gripe pudesse alarmar a cidade. Houve até um médico do programa mais médicos, da República Dominicana, que atendeu no seminário, inclusive uma equipe de TV do “Fantástico” estava lá naquele momento. Fica evidente que eles não conseguiriam ir ao médico ou entender o fluxo do SUS, não entendem o idioma no postão. Quem tá na ponta acha que os imigrantes não têm direitos. Diz Denise Pessoa: “Eles têm direito, e temos que ouvir pessoas dizendo; *só o que falta é até isso*”.

Na escola há a 4ª CRE – da secretaria municipal de educação, estudando para o EJA (não ficou claro se é um curso ou um projeto pontual), e desenha-se um PRONATEC para cursos de português para estrangeiros.

Lembra que deveríamos falar com Billy e com Jean. Billy tem uma loja própria para que os senegaleses façam suas ligações telefônicas. E há Jean, o haitiano, que tem uma agência de viagem, de turismo que vende passagem e chip de celular. A assessora nos dá o cartão de Jean, eu já tenho as indicações de diversas pessoas que Billy está em uma galeria junto a praça central.

Os senegaleses então teriam uma casa de passagem em que acolhem os que chegam, em geral são muçulmanos. Há algumas mulheres, em geral

haitianas e 3 senegalesas que vieram com os maridos. Eles enviam dinheiro no dia 5 do mês através das lojas de câmbio.

Fala de Márcia na Polícia federal, que seria uma terceirizada e que faz o recebimento dos formulários de refúgio. Diz que ela é excepcional e que deveríamos conversar com ela. Outras experiências decepcionantes foi com a própria OAB que compareceu a audiência. Reitera que o efeito da vinda de Granja foi muito importante, pois desautorizou discursos xenófobos que aventavam inclusive que a solução do problema seria “deportar todo o mundo”. A frase marcante da vereadora, veio no meio de nossa conversa, afirmando que os jovens da cidade parecem mais abertos a presença de migrantes, mas que aos mais velhos parece que “os migrantes vão roubar até o oxigênio” que respiram.

Ao final da reunião, tiramos uma sequência de fotos ao lado de nosso banner e recolhi o cartão oferecido, para localizar a loja de Jean, o haitiano.



Foto do assessor de Denise Pessoa, disponibilizada na página do facebook da vereadora sobre nossa passagem pela Câmara dos vereadores em Caxias do Sul.

Já era próximo das 6h, depois de duas horas com a vereadora, fomos até o plenário ver o que ali se desenrolava. Na saída nosso grupo chamou atenção dos olhares curiosos dos vereadores (imagino que nos haviam associado a um coletivo que estaria presente na platéia pela votação de algo e nos retiramos antes de tal desfecho de votação). O vereador que havia nos abordado, nos saúda em nossa saída do plenário dos vereadores.

6. Diferentes pontos da rede de atendimento ao imigrante

a) Billy: O ponto de encontro dos senegaleses:

Decidimos localizar a loja de Billy para que no dia seguinte nos dirigíssemos a ele de modo mais rápido, sem perder tempo com essa busca. Imaginávamos que com o horário comercial encerrando só conseguiríamos localizar a loja. Fomos até a indicação e a galeria estava fechando as suas portas de cada loja. No interior da galeria, perguntamos e recebemos então um cartão com o endereço novo da loja de Billy. Nós fomos a galeria – Denise, Norberto, Diogo e João tentando coincidir com o horário comercial, mas a galeria já estava fechando, entramos na galeria enquanto dois homens fechavam as últimas lojas e como entramos até o fundo, um dos senhores nos abordou e nos forneceu um panfleto com o novo endereço da loja de Billy (em uma pequena pilha de panfletos que estavam sobre a mesa do zelador – um senhor negro que usava um boné de pano bem gaudério). A loja era na próxima rua ainda em volta da praça.

Esperamos o resto do pessoal se aproximar diante da galeria para seguirmos ao endereço correto que era justo na frente da mesma praça central, só que na lateral seguinte. Já havia anoitecido. Indo na direção indicada, passamos por um grupo de rapazes vendendo relógios e correntes em uma banquinha e já aproveitamos para perguntar onde era a loja do Billy. Prontamente, o rapaz deixou sua banca com os demais e nos acompanhou até a entrada do prédio e nos conduziu até a porta da loja.

Nesse momento, o grupo era bastante numeroso, quase sua totalidade. Entramos na galeria que, diferente da anterior não tinha muitas lojas. Era uma sala de entrada no hall de um edifício. Mesmo que ele fosse comercial, havia tão somente um local comercial e não vários. Talvez isso explique o fato do prédio ficar aberto até depois do horário comercial, estava aberto e iluminado. Tratava-se de uma loja com cara de recém inaugurada, não havia muitas coisas fixadas nas paredes e as cabines de atendimento brancas tampouco tinham qualquer inscrição ou cartazes colados nas paredes. Os panfletos que recebemos no hall da outra galeria estavam sobre o balcão de atendimento do qual saiu Billy, deixando outros dois amigos com os quais estava conversando. A sala de espera tinha algum espaço que ocupamos todo, ficamos de pé embora tivessem algumas 6 cadeiras em uma sala de espera e um corredor de portas altas e brancas sem janela que tinham dentro um banco e um telefone. As cabines individuais para efetuar ligações telefônicas ocupavam os dois lados dessa peça deixando um corredor para que as portas se abrissem para fora.

“No dia anterior, eu tinha contatado Billy por mensagem oculta de face, a qual ele não havia me respondido, mas imediatamente me reconheceu (já tinha encontrado 3 vezes Billy – na faculdade do direito

na UFRGS no Forum Permanente da Mobilidade Humana, nos seminários e na audiência da Assembléia legislativa do RS, quando da comissão de direitos humanos do RS e em Caxias quando participei do seminário que trazia a professora Marília Pimentel na UCS). Naquele início de noite eu pude apresentar os alunos da UFRGS, eles se apresentaram um a um dizendo seu nome e curso da graduação”. (Denise Jardim)

“Com seu sorriso e empolgação ele cumprimenta cada um dos alunos. Nossa breve conversa é sobre o novo local da loja. Ele está encostado nas cabines. Comentamos que nem esperávamos encontrá-lo com todas as lojas fechando, mas que todas as pessoas sabiam indicar onde era, a que nos reportamos de como ele era famoso na cidade. “Inclusive havia um retrato seu, de tamanho relativamente grande, sobre a mesa de recepção da loja” (Diogo Quadros).

Billy afirma que o local é realmente novo e tem cabines bem fechadas porque ele afirma conhecer seu pessoal que fala muito e muito alto, pergunto se é privacidade, mas ele responde que o ruído seria muito se todos falassem normalmente e ao mesmo tempo (alto). Durante nossa conversa alguns rapazes saem da cabine. Lisarb traz lá de dentro algumas peças de roupa que são vendidas ao fundo da loja para me oferecer “ó pro teu marido Denise” e nesse tom de interação bem animada, com muitas pessoas a sua frente, Billy escuta sobre nossa busca por ele e nossa boa surpresa de encontrar a loja aberta, para além do horário comercial.

Billy fala sobre seu empenho nesse novo negócio baseado em oferecer serviço de telefonia alternativo ao que se paga pela Embratel, que é muito caro para ligar para fora do Brasil. Explica que usa um pacote para empresa da telefônica que tem um preço mais acessível para o cliente. Comenta como é caro telefonar para fora do Brasil e que a pessoa não pode ficar esquecida da família que “deixou lá”. Além do serviço de comunicação também é o lugar de envio de dinheiro para os parentes e, pelo que vimos, um importante lugar de conversa, pois quando chegamos outros rapazes estavam sentados conversando com Billy, um deles junto a cabine com ele e, durante nossa conversa, alguns estavam sentados nos degraus do próprio hall do edifício acompanhando nossa conversa.

Billy comenta basicamente dos senegaleses dando detalhes sobre a criação da casa para ajudar aqueles que chegam. É um lugar mantido pelos próprios senegaleses.

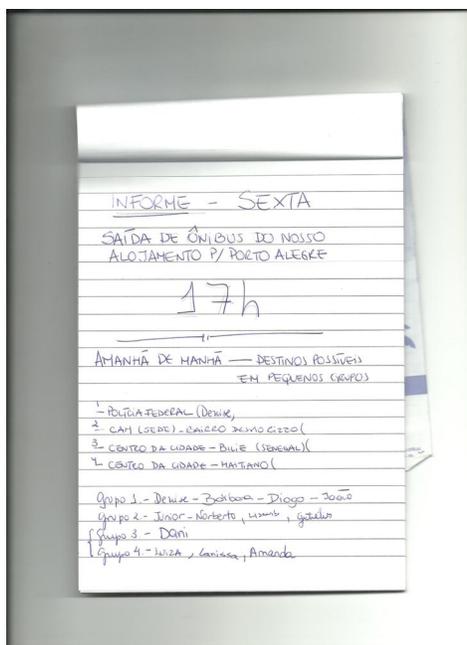
“Pergunto se conhece o haitiano que tem também uma loja de turismo, Billy e identifica com o mesmo serviço que ele faz o que me leva a

brincar com ele que seria um “concorrente”. Billy sorri e diz “*que não, que é um irmão*”. (Denise Jardim)

Saindo da loja de Billy – muito satisfeitos com um dia múltiplo fomos jantar ainda no centro. O pessoal celebra quando digo que a janta merece uma cerveja, trabalhamos muito até aqui. “Finalmente!” exclama Lisarb e os demais sorriem.

Já em uma das esquinas procurando um restaurante ou bar aberto abordamos um rapaz negro vendendo relógios em uma esquina. Perguntamos sobre onde beber, ele responde que na bebe. A comunicação é bem truncada, pois não sabemos qual o idioma dele. Recebe nossas perguntas não como um pedido de indicação e sim como algo que lhe diz respeito. Dobramos a esquina em busca do tal restaurante que ontem um taxista insistira que deveria ser nossa escolha.

No restaurante, já sentados, e com algumas preocupações sobre nosso dia seguinte, circulo meu bloco com uma página para definirmos grupos de trabalho na sexta-feira, que será nosso último dia, um dia que deverá se encerrar já às 17h, com a chegada do ônibus na UCS a nos resgatar. Logo, deverá ser uma manhã bem longa para findarmos o trabalho no meio da tarde. Todos nossos trajetos de ônibus são muito demorados, se tomados de forma errada, como fora em uma de nossas manhãs.



Marcação de grupos durante a janta, a equipe se inscreve nos nossos próximos destinos e trabalharão em pequenos grupos.

Durante nossa janta, meu bloco circula na mesa com a descrição dos grupos do dia seguinte para que escolham e se inscrevam em qual atividade participarão, somos 14 na equipe. Com a visita a Billy, já era possível perceber que na sexta-feira o grupo não poderia entrar em 14 pessoas no mesmo estabelecimento. Ainda nos faltava visitar diretamente o Centro de Atendimento aos Migrantes (CAM), que eu (Denise) tinha conhecido na visita precursora com Rita e Patrícia do DEDES. Lá há uma sala de espera tão pequena quanto a sala de espera de Billy. Também era o momento de conhecer outros lugares que os migrantes transitam no centro da cidade – conversar mais detidamente com Billy e seguir a indicação do cartão da assessora de Denise Pessoa, sobre a loja de turismo de Jean, um haitiano que havíamos brincado com Billy ser “seu concorrente”.

Ainda estava muito interessada em conhecer a equipe da polícia federal que atende em Caxias, especificamente porque a vereadora falara muito bem da equipe de Caxias. Logo, eram 4 destinos para que as pessoas se inscrevessem para visitar em pequenos grupos e conhecer outros lugares que os migrantes teriam transitado além de um albergue inicial.

Após a janta, tomamos uma “lotação” bem em frente ao restaurante, fomos os últimos a sair, embora fosse ainda bastante cedo da noite, pois ainda conseguiríamos usar os vestiários da vila olímpica que só fecharia às 22h30min. Quando chegamos ainda havia muita gente usando a parte de canchas cobertas e o chuveiro. Combinamos de no dia seguinte, tomarmos o café da manhã juntos para falar sobre cada destino e o que poderíamos fazer no CAM, Polícia, bem como local de encontro. O grupo ainda queria consultar a liberação do custeio que deveria ser sacado mediante apresentação de documento CPF – o que demandaria estar na área central da cidade em horário comercial nesta sexta-feira.

De noite, ainda houve tempo para reunir com todo o grupo e definir conjuntamente os horários de tomar o café e durante o café reunir, mais descansados, sobre quais as atividades importantes de serem feitas, nos diversos destinos (4), ainda pela manhã antes de tomar destinos diferentes, bem como sinalizar que nosso fluxo de trabalho deveria ser até as 15h para retornarmos com tempo de fechar as malas para embarcar no ônibus da universidade.

De noite, separamos algo do material gráfico de forma mais simplificada para nossa sexta-feira, especialmente uma sacola para os que iam para o CAM, com dicionário em francês, e algum material de papelaria que ainda dispúnhamos. Voltaríamos com uma camiseta do Projeto Convivências para Billy, cedida por João. Iriamos a PF conhecer a sala de espera e a equipe que

atende aos estrangeiros, e o grupo que conheceria Jean, que ainda iria ser contatado pela manhã para nos receber.

Dia 01 de agosto de 2014, de manhã, café da manhã juntos no bar do alojamento. A turma que vai ao CAM leva junto uma lista de palavras, cumprimentos e palavras que usamos para o inglês são vertidos do português ao francês e fazemos uma lista rápida recuperando elementos que estavam em nossos cartazes em inglês/português para verter ao francês/português.

Parte da turma que vai reencontrar Billy leva uma camiseta e um mapa do Brasil para que ele possa expor aos senegaleses em sua loja, como uma gentileza de visitantes. Levam ainda o cartão com endereço de Jean, fotografado pelos demais para encontrar sua loja de turismo e telefonia.



“Chegamos ao locutório de Billy e encontramos alguns dos rapazes que estavam no dia anterior. Entregamos o mapa do Brasil e pedimos que seja afixado em uma das paredes do estabelecimento, também entregamos a camiseta do projeto Convivências. Perguntamos sobre suas rotinas, suas famílias, o processo de adaptação no Brasil. Muito gentilmente, Billy responde todas as nossas questões. Perguntamos sobre a presença de mulheres migrantes e ele responde que há duas: uma delas veio sozinha para cá e a outra com o marido, perguntamos se seria possível falarmos com um delas e ele diz que sim e prontamente liga para o esposo daquela que veio para cá junto com seu parceiro, eles se dispõem a chegar ao estabelecimento de Billy dentro de 10 minutos. A conversa com ela não flui, embora haja diversas tentativas em relação a muitos assuntos. Ela conta sobre sua filha, nascida no Brasil, um pouco sobre sua rotina e que está feliz por estar no Brasil. Billy é requisitado o tempo todo, seja em função do trabalho, seja para ajudar outros migrantes através de informações e esclarecimentos, seja por motivos pessoais. Ele troca de idioma

praticamente a cada interlocutor para que se faça entender por todos. Deixamos o locutório um pouco antes do horário combinado para o encontro do grande grupo, pois ainda precisávamos ir ao banco e almoçar. No final, acabamos encontrando grande parte do grupo no restaurante lotado em que fizemos nossa refeição, já que todos precisavam almoçar e não havia muitos restaurantes pela região. (Amanda Gonçalves)

b) A polícia federal:

Parte do grupo tomamos o ônibus para o centro, no dia anterior já tínhamos passado em frente a polícia federal na Julio, bastaria descer antes de chegar ao centro.

“Como vínhamos conversando, descemos algumas quadras depois do devido e voltamos: eu, Diogo, Barbara e João, caminhando e perguntando se estaríamos perto da Polícia federal. Um grupo de pessoas dentro de uma loja de veículos tomava chimarrão e apontava que estávamos muito perto”.(Denise Jardim)

Chegamos ao prédio, o dia estava ensolarado, melhor que ontem quando havia algum gotejar pela manhã. Entramos no prédio e vimos que era o segundo andar, então Barbara sugere ir pela escada. No meio do caminho, o tal do segundo andar correspondia a um andar de sobreloja, primeiro e segundo andar. No último, portanto, havia um sofá bem surrado, encostado em um canto ainda na parte de escadas e a entrada da PF ficava diante do elevador. No que coloquei o pé na sala de espera, pisei em uma reprodução de carteira de identidade de estrangeiro, um protocolo plastificado em formato de carteira. Imediatamente perguntei se era de alguém e o entreguei ao pessoal da salinha de funcionários, foi o início de nossa conversa.

Entramos na sala e me dirigi diretamente a setor de atendimento, perguntando sobre quem poderia me atender, me apresentando. A funcionária (Marcia) pergunta se sou jornalista, eu esclareço que não, que estamos desenvolvendo um projeto no albergue e ela diz que não pode falar com ninguém sem autorização de seu superior. É bastante firme em me descartar. Fico um pouco impactada com o tom, pois lembrava a vereadora falando do diferencial (que estava buscando) na equipe em sua forma de tratar o tema.

Mas, estou interrompendo uma rotina, então busco uma outra forma de conversar com o setor.

Vou a outro balcão em busca do delegado que me autorizaria tal conversa com Márcia. Sou informada que ele não se encontra e explico que quero falar com a pessoa responsável para eu me apresentar e explico que estamos desenvolvendo um trabalho, um projeto que envolve a dificuldade de comunicação e que nosso intuito é de falar com as pessoas para aprimorar nosso trabalho sobre as dificuldades de comunicação. Olho para minha equipe ainda na dúvida se o argumento traria o tal responsável até o balcão. Ele sai de uma sala e me reapresento como professora da UFRGS e sobre o projeto convivências em Caxias. A essa altura estamos todos com crachá da UFRGS, e Barbara ainda vestia a camiseta do projeto convivências.

“O senhor nos acompanha diante de Márcia e repete minhas explicações, eu completo com a possibilidade de nosso trabalho poder ajudar em alguma medida a facilitar a comunicação, pois há outras pessoas preocupadas com a barreira do idioma”. (Denise Jardim)

Márcia diz que tem pouco tempo para conversar, que há muitos atendimentos que nem almoça e eu pergunto se há algum problema em acompanharmos o trabalho na sala de espera. A essa altura, identificamos algumas pessoas sentadas nas cadeiras da sala, que acomoda umas 15 a 20 pessoas sentadas, e que ontem tínhamos encontrado no Seminário Nossa senhora aparecida. Eles também nos reconhecem.

Sou abordada por um rapaz de Bangladesh que fala bem o português, usa um crachá da empresa Nicoline e está acompanhando uma pessoa também de Bangladesh e que fala em inglês. Identifico a empresa como uma linha de produção de alimentos e frangos, ele confirma, diz que há muitos imigrantes lá, mas que ele fala português e então está em outro setor que não a linha de produção. Disse que já visitei uma linha de produção da sadia e lembro que o cheiro é insuportável. Ele contesta dizendo que a pessoa se acostume e nem sente. Pergunto sobre a repetição dos movimentos e ele responde que a empresa faz rodízios de setor a cada duas horas evitando essas lesões. Fiquei com seu email para poder não perder o contato e conhecer a empresa que fica em Nova Araçá.

“O rapaz comenta ainda que a vida é tranquila na cidade, mas que não há muitas opções de lazer. Nos finais de semana, os trabalhadores estrangeiros – haitianos, ganeses, bengalis e indianos – geralmente se reúnem para jogar futebol.

O rapaz estava ali na Polícia Federal para regularizar a situação de outro bengali, que também estava na sala e que havia chegado ao

Brasil havia poucos dias. (Diogo) Converso com ele, mas o diálogo é difícil, pois o homem não falava nada de português e arranhava um pouco do inglês. A conversa gira em torno de futebol e da Copa do Mundo. O homem conta que, em Bangladesh, o esporte é muito famoso, mas, como não há times fortes, a população se divide entre torcer pelo Brasil e para a Argentina. Menciona que, após a derrota do Brasil contra a Alemanha por 7x1 na copa, um rapaz se atirou do alto de um prédio e virou notícia em Bangladesh. (Diogo Quadros)

“Um senhor está sentado ao fundo da sala e nos observa, Márcia sai de sua sala e depois de explicar que já sabe algumas palavras e frases no idioma dos migrantes, observa meu bloquinho sobre a mesa e fala: “wolof”, falta o “w” e não tem o “e”, me corrige Márcia. Menciona as frases que já sabe dizer, que indicam o banheiro, onde lavar as mãos. Aponta para o senhor ao fundo da sala e diz: “aquele ali” tava ardendo em febre, pergunta pra ele se ele consultou médico ontem? Peguei na mão dele ontem e ele estava bem quente. Ele responde que sim, que foi ao médico. Explicou algo pro Diogo sobre uma dor que sentia. Sentada na sala de espera nossa presença estimulou muitas conversas. Um dos rapazes chegou a me mostrar o cartaz pedindo silencia mas logo em seguida a voz de Marcia sobressaiu explicando que o barulho atrapalhava a concentração que não podiam errar no preenchimento dos formulários.

Há 4 meninas brancas na sala, pergunto em inglês se estão há muito tempo esperando, e que esperam? Barbara me pergunta quem são elas e eu repito em inglês a curiosidade de Barbara. Elas são alemãs fazendo um intercâmbio na UCS e tinham que encaminhar seus pedidos de visto novamente no Brasil. Outro pequeno grupo tinha pouca comunicação e Inglês, de tanto em tanto Marcia saía da pequena sala e ia até a sala de espera para que as pessoas assinassem seus papéis de refúgio.

Eu estava conversando com um rapaz na frente de sua porta, respondendo a algumas perguntas sobre cidades no RS. Ele dizia não gostar da idéia de ir para um grande centro urbano porque as pessoas bebem na rua. Tinha outras duas perguntas que demoramos em nos acertar ele queria saber se seria fácil levar/trazer, se casassem, com uma esposa brasileira e tivesse filhos, se poderia levá-los para Gana, como turistas. Ele poderia voltar como ganense, mas e a esposa poderia ir? Eu dizia depender de Gana. Ele na realidade estava preocupado se as pessoas eram racistas para casar com alguém de Gana conseguiria casar com brasileira, a que eu respondi que em geral no Brasil são racistas, mas dizer que não são racistas é uma afirmação muito comum.

Além de apontar alguns nomes de cidades no sul do Brasil, explicando a localização de alguns pólo industriais do RS e de SC e clima no Brasil” (Denise Jardim)

Ao final da manhã, Márcia e seu colega conversaram conosco um pouco antes de encerrar o expediente. Já tinham atendido as pessoas na sala de espera. Sentada diante deles eu tento um depoimento mais pessoal; queria saber se algum de vocês já se sentiu imigrante alguma vez e como pensava sobre isso. Márcia disse que já se sentiu imigrante quando morou no nordeste do Brasil. O outro rapaz não, mas disse que está tendo aulas de francês, contratou um rapaz do Senegal para dar aulas e que ambos, ele e Márcia, pretendem conhecer o Senegal em breve.

“Márcia faz a ressalva de que tem antipatia pelo governo do Senegal, devido à má administração que eles fazem da embaixada mantida no Brasil. Conta que, quando um novo presidente assumiu o poder em Senegal poucos meses atrás, demitiu vários funcionários do serviço exterior por serem ligados ao presidente anterior. Ao invés de apontar novas pessoas para o posto no Brasil, o governo senegalês deixou a embaixada vazia. Nesse meio tempo, o governo brasileiro pediu auxílio a Senegal para renovar o passaporte de vários senegaleses que estavam no Rio Grande do Sul. O governo senegalês mandou um representante para o Rio de Janeiro, a quem os imigrantes senegaleses deveriam procurar em no máximo uma semana. O problema era que os senegaleses não tinham dinheiro para viajar até o Rio de Janeiro, o que inviabilizou a solução do problema. (Reflexão para os brasileiros que reclamam do serviço público.) (Diogo Quadros)

“Perguntava qual a sensação que Marcia ficava ao final do dia, depois dos atendimentos. Márcia diz que cansa, mas que não vê a hora de voltar. Ela recebe mensagens da filha, que pequena parece reclamar que a mãe é absorvida pelo trabalho com os imigrantes, mas Márcia diz que gosta muito de estar ali e que já aprendeu muito em wolof e que gosta do que faz” (Denise Jardim).

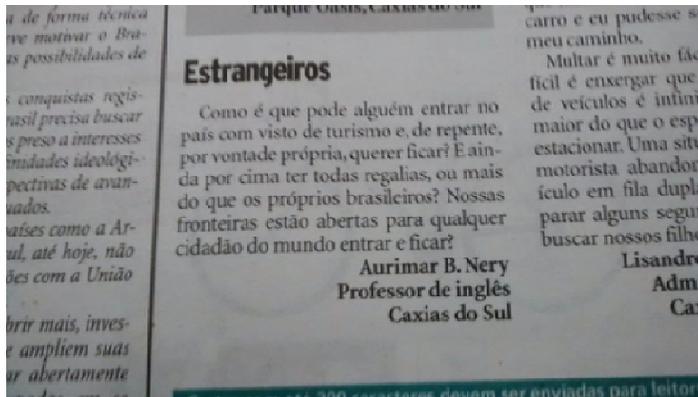
Enquanto conversamos, um dos rapazes volta a me abordar e pede que eu ligue para a Irmã Maria do Carmo. Márcia oferece seu telefone para chamar a irmã. Inclusive, quando nos dá seus emails usa a parte detrás do cartão da vereadora para apontar o email do setor, pelo jeito, ela tem muitos cartões da vereadora para distribuir aos migrantes, o que me faz pensar em como as pessoas tem trabalhando conjuntamente, entre os que se ocupam dos migrantes e suas urgências.

“Mando diversas mensagens a Irmã, que não tem resposta direta, e decidimos descer com os demais. Já é 11h30min e, pelo jeito, os dois

deveriam ter seguido a pé com os demais para tirar a carteira de trabalho e fazer o CPF no banco. Então, ficaram para trás e ali ficariam (na hora do almoço) esperando a reabertura do atendimento, ou alguém iria buscá-los depois para levar ao seminário ou esses destinos. Não sabíamos ao certo, mas a Irmã depois escreveu depois dizendo que estava tudo certo. Diante disso, atravessamos a rua para nos protegermos do sol e os convidei para comer um *cheese* explicando que eu não ficaria tranqüila se os deixasse bem esperando Maria do Carmo, sem saber que tinham comido algo. Se eles não se importavam, eu seguiria minha vocação (*de mãe*) e os convidaria a comer algo”. (Denise Jardim)

Márcia e seu companheiro ficaram ao sol, nesse dia de inverno, diante da PF e nós atravessamos a rua onde havia um lugar para lanchar. Entre no lugar e recolhi o cardápio, perguntei se estava boa minha escolha, um responde que somente pão está bem.

“A negociação com o atendente foi mais complexa. Ele não entende minha lógica de elencar o *cheese* com aquilo que quero e diz que eu tenho que dizer o que não quero *no cheese* do cardápio. Eu me desculpo e sigo sua lógica, que afirmo não ter entendido. Ele exclama que eu tenho que aprender, caso um dia precise trabalhar ali. Pedi um refrigerante litro e enquanto aguardava ele preparar os hambúrgueres, vi que a cuia era de Ijuí. Então tentei uma abordagem não tão ríspida, se ele era de Ijuí. Ele disse que não, e vendo que a cuia era minha observação, completa que foi um presente e que ela já estava velha. Respondo que são as melhores. Logo, ele puxa a pergunta sobre os rapazes para quem está fazendo o lanche. Eu digo que são de Gana. Ele afirma que muitos rapazes de Senegal ainda o visitam ali, que já estava acostumado de ser chamado de “XXXX loco”, correspondendo ao nome do bar e o modo jocoso que os senegaleses o chamavam. “Esses não são ingratos”, diz ele. “sempre voltam”. Depois de um tempo de espera, leio o jornal – o título da edição leva os 7 lugares de atropelamento no centro da cidade de Caxias, lembro de minha equipe andando pelo centro e confiando nas faixas, especialmente lugares sobre motoristas que não respeitam a faixa de pedestre e atropelam. E, no interior da edição uma pequena nota do leitor” (Denise Jardim):



Nota do leitor no jornal local

“Ao alcançar os pedidos, me pergunta se quero sacolas para levar, disse que não era necessário. Ele insiste e coloca os pacotes de papel com os hambúrgueres dentro da sacola e completa “vamos educar essa gente”, diz o comerciante. Deixamos os rapazes acomodados diante da PF, troquei muitos whatsapp com a irmã Maria do Carmo antes de seguirmos para o centro da cidade a pé, a indicação de que estávamos perto do centro, foi confirmada pela senhora que esperava ônibus no ponto.” (Denise Jardim)

C) O Centro de Apoio ao imigrante (CAM)

O pessoal do Centro de Atendimento ao Imigrante esteve todo o tempo trabalhando diretamente no alojamento dos rapazes de Gana no bairro Desvio Rizzo. A sede fica em um bairro popular mais próximo da entrada da cidade. Trata-se de uma sede em uma casa, com uma sala de aula com carteiras escolares e as demais ocupadas com depósito e escritório para as assistentes sociais e administração do centro. A sala de espera se destaca, pois além de ser um local com uma televisão e cadeiras, tem um pátio pavimentado que reúne alguns migrantes em busca de trabalho e informação. Nesse espaço, os frequentadores já são moradores do bairro e, em geral, isso significa uma presença maior de senegaleses, francófonos.

Parte da equipe se deslocou para lá com materiais para ensino de palavras em português como forma de iniciar conversas com quem pudessem encontrar e, aproveitar o período para conhecer as instalações do CAM, pois a interação com a equipe estava se dando tão somente no alojamento dos ganeses.



“Fomos ao Centro de Atendimento ao Imigrante eu, Norberto, Lisarb e Gutiélis. Num primeiro momento foi difícil nossa localização no espaço. Liguei para Paula (minha amiga que houvera encontrado na biblioteca da UCS) que menos deu as coordenadas de ônibus e localização certas. Descemos na comunidade e saímos a perguntar onde ficava o CAM. Chegamos no local e fomos atendidos por Irmã (não lembro o nome) que já possuía certa idade. Ela nos mostrou a todo o espaço do CAM sendo que neste momento vários Haitianos chegavam ao local. Norberto, que sabe mais inglês, falou com alguns. Eu conversei bastante com a secretarias que faziam uma espécie de registro do imigrante em um sistema e elaboravam seus currículos. Conseguimos estabelecer um bom diálogo com um Haitiano aparentemente bem jovem que já sabia falar bem o português e que, durante um bom tempo,

houvera ficado no CAM. Nos falou sobre sua experiência no Brasil, se disse apaixonado e que gostaria de ficar por aqui. Conseguiu um emprego numa fábrica de automóveis no qual do trabalha como soldador. Fez esse tipo de capacitação em Caxias mesmo onde disse que trabalha durante o dia e estudava até tarde da noite. Segundo ele na comunidade de Desvio Rizzo há várias casas alugadas por haitianos, disse ter morado por vários locais coletivos nas redondezas e que o próprio Billy morou ali.

O CAM me pareceu um local muito importante e na passagem do imigrante por Caxias. O papel da Igreja Católica, como foi visto em várias partes do processo do imigrante no Brasil, é significativo. Ao olhar para senhora Irmã que nos atendeu e que se organizava para atender várias demandas do momento com os imigrantes que chegavam me veio ao pensamento que ela era uma figura representativa deste trabalho das pastorais sociais e na história da assistência social no Brasil.

Quando era cerca de meio dia Paula veio ao meu encontro no CAM para almoçar na casa dela. Me despedi da equipe e depois encontrei todos no centro. Meu encontro com a família de Paula que habita a comunidade foi importante por que através dele pude entender um pouco da sensação das pessoas da cidade sobre essa nova realidade de imigração presente. O pai de Paula se mostrou muito preocupado e disse que “vão faltar empregos na cidade” demonstrando um desconforto com a presença dos imigrantes. Ideia não reproduzida pela mãe da família que fez colocações interessantíssimas, na informalidade, durante o almoço. Segundo a própria, ela veio de uma cidade que era perto de Caxias e ficava bem ao alto de um morro: “deste morro, conseguia ver a cidade inteira quando era criança e sonhei em morar em Caxias um dia”. Disse-me ter passado muitas necessidades antes de morar na comunidade e que entendia a situação dos africanos “não é fácil migrar, a gente deixa tudo pra traz e começa vida nova, me identifico, tenho pena deles”, diz a Paula. (Luis Abalos Junior)

Mais uma troca de mensagens, descobrimos onde parte da equipe já estava almoçando no centro, em um buffet a quilo. Faltando apenas reencontrar, na praça, o pessoal que vinha da atividade no CAM.

Todos nossos papéis de endereços são fotografados por várias pessoas para garantir que não haja perdas ou desencontros. Ontem trocamos alguns números de telefones para nos localizarmos com maior facilidade no centro da cidade, embora a praça em frente a igreja seja um ponto de encontro bastante óbvio para ponto de encontro dos 14 do grupo. Aliás, a praça em seus caminhos internos tem de tudo. Venda de CDs sertanejos com direito a

audição, pregação com direito a música gospel em português, grupos de migrantes sentados conversando juntos no banco de praça, diante da loja de Billy, idosos sentados nos bancos da praça, crianças espantando aos gritos as pombas e muitos carros e transporte coletivo andando muito rápido na área central.

Nosso próximo destino seria Jean, todos juntos pois a equipe ficou toda em torno da loja de Billy e tentou abordar o pessoal que estava na rua. Assim que no horário do almoço liguei para Jean e, ao atender, ele pediu em português que eu retornasse meia hora depois. Como tínhamos o cartão, esperamos que toda a equipe se reunisse na praça, resolvendo suas questões de banco e fomos descobrir o endereço da loja de Jean, haitiano.

Ao chegar diante do endereço, ainda faltavam pessoas que vinham do almoço tardio, por conta do banco ou de transporte do CAM. Assim, que perguntamos no prédio se estava no local certo, pois não havia na listagem das lojas o nome da loja de turismo de Jean. O senhor da entrada disse que deveríamos ir para a entrada ao lado, ao lado da farmácia. Começava a chover. Fomos e voltamos, porque não havia tal entrada. Ligamos depois disso e Jean nos atendeu confirmando o endereço e então voltamos ao mesmo prédio. Subimos as escadas e chegamos a um espaço com uma sala grande vazia e uma sala menor, onde ele estava atrás do balcão. As pessoas foram chegando durante nossa conversa com Jean. Todos sentados no chão de sua sala principal.

c) Jean: relatos de um haitiano.



Jean contou uma série de fatos. O primeiro é que teve muita sorte em permanecer por muito mais tempo na casa do padre que os alojava no norte do país, pois com isso, mesmo sem ter uma entrada de dinheiro, o que seria esperado para remeter ao Haiti, quando se colocou no mercado, foi para um emprego que considerava sua formação como advogado. Mesmo que não exerça até hoje é advogado formado no Haiti. Ele mantém uma loja que faz

passagens aéreas, ligações telefônicas para os haitianos. Percebe que muitos estão indo embora para outros lugares em Santa Catarina. Ele mesmo tem uma viagem marcada, pensando em abrir novos negócios, mais uma loja, pois tem outra no norte do Brasil.

Veio ao Brasil logo após o terremoto e teve muita sorte de não estar de serviço, trabalhava como militar, no seu posto corriqueiro, pois não sobrou nada do lugar onde deveria estar.

Mantém a família e os filhos estudando no Haiti. Para isso tem de pagar o ensino particular para que tenham ensino de qualidade e aprendam o francês. Somente quem segue a escolarização privada, que aqui corresponde ao ensino médio, é que aprende o francês na escola. O crioulo todos falam em casa.

Costuma mandar dinheiro para a família. Pergunto se isso não é perigoso, pois as pessoas podem saber que há um volume de dinheiro chegando. Ele diz que manda pequenas quantias para diferentes pessoas da família e depois eles se entendem, assim fica menos perigoso.

Sente falta de muitas coisas, em especial das especiarias. Demoramos um pouco para entender o que não tinha no sul do Brasil. Ele resume que aqui não há pimenta, o que existe no norte do Brasil. A conversa sobre comidas não tem tanto rendimento quanto suas preocupações com a vida prática no Brasil. Não entendia como eram os contratos e rescisões de contratos de locação que foi cobrado quando não concordou com taxas que não tinham sido declaradas no contrato e decidira sair do imóvel. Perguntei se para ter seu negócio contava com alguma assessoria. Ele responde que tem uma contadora e um advogado.

“Jean contou que os haitianos têm certa familiaridade com os brasileiros por causa dos soldados que o país mantém no Haiti através da MINUSTAH (missão de paz da ONU). Revelou que os haitianos não se dão bem com os imigrantes senegaleses que estão em Caxias, pois, no Haiti, é ensinado já no colégio “*que os africanos venderam seus antepassados*” aos colonizadores”. (Diogo Quadros)

Nossa visita é entremeada pelo barulho da obra no condomínio e por algumas interrupções do síndico sobre a obra e porque estamos com a porta aberta para o corredor. Tiramos uma foto para registrar nosso encontro, trocamos cartões para que Jean possa nos localizar e em seguida voltamos ao ponto de parada em direção a UCS, a chuva torrencial estava se aproximando. O ônibus havia desconstruído de nossa equipe, pois foi até o seminário e, somente depois nos localizou na UCS. Volta às 16h40min, ainda de dia na estrada, apesar da chuva. Chegada no Planetário.

Considerações finais:

Este projeto resultou em inúmeros aprendizados.

Logo que voltamos a Porto Alegre, e nos encontros posteriores, um dos saldos mais evidentes foi poder reconhecer a capacidade de, em pouco tempo, o conjunto de pessoas selecionadas e que pouco se conheciam, terem investido sua energia e criatividade nesse projeto. E, em tão pouco tempo, através de decisões conjuntas e ações criativas terem se constituído como um grupo cooperativo. Entendo que isso decorre do envolvimento que passo a passo foi nutrido pelo grupo e pela capacidade de comunicação que os envolvidos puderam exercitar entre si. Por certo, não dependeu de relações pessoais prévias, como normalmente achamos que são as formadoras naturais de um grupo. O meu aprendizado foi ainda maior por entender que um grupo pode se constituir em pouco tempo, desde que envolvido com interlocutores tão preciosos. Acredito que esse “efeito grupo” deva em muito ao fato de que os alunos e eu mesma tenha sido provocada a reagir ativamente diante da experiência e coragem que nossos interlocutores migrantes e como demonstravam curiosidade sobre o mundo brasileiro em diferentes aspectos, e eventualmente, ao recontar suas histórias, e fazer inúmeras perguntas expressavam suas esperanças na reconstrução de seus destinos no Brasil.

Marcados pela visita ao seminário e à aproximação direta com os rapazes de Gana e, posteriormente, com a circulação pela cidade conhecendo novos pontos de vista, a incursão intensiva em diversos pontos de vista de uma rede de acolhimento nos permitiram entender como se realiza um trabalho “em rede” na prática.

Pressionados pela urgência das necessidades dos imigrantes que chegaram a Caxias em pleno inverno, os diferentes *pontos* da rede mostravam-se fortalecidos pelas experiências anteriores. A maioria destas experiências eram as relativas à intensa presença haitiana e senegalesa já consolidada na cidade, e bastante conhecida da grande mídia, ao menos desde 2012. Mas há na cidade também outras nacionalidades, não tão visibilizadas, e que encontram nas fábricas locais um mercado de trabalho receptor. Todas elas são conhecidas desses protagonistas que movem o atendimento às suas demandas.

As migrações como um tema contemporâneo nos mostram várias facetas através do contato direto. Inclusive, as ilusões e preconceitos daqueles que não tem um contato direto com os migrantes, ou que se relacionam com os mesmos como uma “oportunidade” de negociar com alguém vulnerável. Visualizamos as diferentes questões/problemas enfrentadas pelos imigrantes no momento de sua chegada. A barreira lingüística inicial era transposta gradativamente, revelando as diferentes compreensões culturais sobre o que

seria a vida no Brasil. Para a equipe ficava evidente que a vontade de conhecer aspectos diversos da vida no Brasil era tão relevante quanto o aprendizado do português. Enfim, alojados e distantes de rotinas, esse era um momento especial e de relativo isolamento. Seria possível dissociar o aprendizado do português da revelação gradativa das complexidades da vida brasileira?

Inicialmente, as demandas revelavam a dificuldade das pessoas migrantes em terem acesso à documentação e, nisso, os diferentes pontos da rede de colaboradores tiveram seu trabalho intensificado diante dos rapazes de Gana, mostrando uma expertise e adesão de voluntários, para estabelecer uma sequência do atendimento que se iniciava no resgate dos rapazes da rodoviária para um alojamento protegido do frio, no preenchimento do formulário para solicitação do protocolo de refúgio, com o qual podiam fazer um CPF na agência bancária e retirar uma carteira de trabalho. Todos esses documentos fundamentais para acessar o mundo do trabalho e para colocá-los como pessoas visíveis diante do Estado brasileiro.

No decorrer desses procedimentos, a atenção ao alojamento como lugar que recebia as doações, era também local em que os próprios migrantes demonstravam seu potencial de autogestão, pois tinham que elaborar as refeições e lidar com suas diferenças culturais, religiosas e idiomáticas.

Ao mesmo tempo, as organizações não governamentais, contando com cléricos e voluntários, se detinham em deslindar os caminhos para os casos específicos sobre menoridade, saúde e complicações decorrentes da fragilidade dos corpos diante do frio. Além disso, sabiam da necessidade de dotar os migrantes da possibilidade de efetuar cadastros no Sistema único de Saúde e no Sistema nacional de empregos. Mesmo que o empresariado local tenha recorrido ao alojamento com ofertas de empregos, esvaziando o mesmo em um pouco mais de um mês, a preocupação das pessoas na rede ainda era a de monitorar a qualidade do emprego que estava sendo ofertado. O que se evidencia no anexo com as fotos da visita posterior aos locais de trabalho.

Como “rede”, os diferentes parceiros se comunicam intensamente e cooperam, mais do que “dividem tarefas” e competências dos diferentes órgãos.

Por certo, o trabalho “em rede” se revelou não como algo planejado desde o início, mas como um esforço de colaboração de organizações não governamentais, de alguns moradores sensibilizados pelo sentimento de que a imigração é um fato muito familiar na localidade, e de agentes do poder público que foram “convocados” a dar respostas para uma excepcionalidade que se repetia na cidade; a inusitada chegada na rodoviária de centenas de ganeses em uma mesma semana, vinda de regiões quentes do país para o inverno da serra gaúcha.

As entidades envolvidas manifestavam sempre a preocupação com a compreensão dos moradores da cidade quanto às dinâmicas e vozes que se projetavam na esfera pública a reverberar discursos xenófobos, especialmente sem a experiência direta com os próprios migrantes. A experiência com novas migrações, contudo, é visualmente impactante para os moradores. Uma breve circulação na praça principal da cidade já permite reconhecer esse como um ponto de encontro dos senegaleses.

A conversa com outras vozes migrantes, além dos ganeses, permitiu entender que mesmo pessoas já documentadas tinham que desvendar o mundo prático no Brasil, tanto para se inserir na vida laboral, quanto para resolver questões práticas relacionadas à moradia e acesso a atendimentos públicos. Esses são aspectos que a “rede” de acolhimento, basicamente um conjunto de pessoas com uma rápida interlocução na cidade se debruçava caso a caso através de soluções institucionais no caso dos Ganeses, mas que pessoas migrantes já estabelecidas na cidade continuavam a resolver ao longo de sua inserção na vida local, através de sua associação, como a casa dos senegaleses, seja por parcerias circunstanciais e interações com brasileiros para conseguir a autonomia econômica.

Por último, mas não menos importante, a foto de capa é Ibraim consultando seu celular. Entre as trocas dádivas de um período de campo, as fotos foram elementos fundamentais, junto com o diálogo, as trocas de palavras em português. Pude apenas comprar na livraria da UCS, uma gramática da língua portuguesa e dois dicionários português-inglês.

A gramática eu já sabia nas mãos de quem eu deixaria, porque um dos rapazes era professor e tinha muito interesse em ter seu diploma reconhecido e como tal trabalhar no Brasil. Mas apenas dois dicionários para um grupo tão numeroso e querendo aprender o português era uma escolha impossível de ser feita. Então, os dicionários seriam ofertados para aquelas pessoas com quem mais tinha interagido no alojamento.

Um dos dicionários ficou com o rapaz muito atento e ouvinte que, aprendida rápido a pronunciar palavras e expressões em português, por ter um conhecimento prévio do espanhol, o dicionário fazia todo o sentido.

O outro dicionário eu não sabia bem para quem destinar e Luis Abalos Junior me sugeriu rapidamente: O Ibraim! Com o testemunho de Luis A. Junior a negociação da dívida revelou-se também uma ato de despedida e aposta recíproca. Muito constrangida por não ter 50 dicionários, explicava a Ibraim que deveria fazer uma escolha, e me desculpava pela falta de outros dicionários. Ele prontamente assumia que eu o escolhera, transformando uma relação assimétrica, de alguém que recebe uma ajuda, em um ato de reconhecimento de seu potencial. E esse potencial, que tanto eu quanto Luis Junior

identificávamos vinha não somente de sua barba branca, mas de pequenos atos de atenção durante nossa interlocução. Era um mediador de relações, nos dizia para não prestar atenção em um ou outro comentário do tipo: “não sente no chão” que os rapazes nos dirigiam e que ele buscava dissipar dizendo: “não dê ouvidos a ele”, veja como eu sento, fique à vontade. Ou chamando um novo companheiro a fazer perguntas sobre o idioma para mim.

É evidente que o dicionário foi o motivo de algumas lágrimas e perda de palavra de ambas as partes, mostrando que a comunicação não se faz através do arsenal de palavras de um dicionário. Ali, o dicionário mediava nossa despedida, em uma situação especial que envolveu essa e outras situações em campo, a situação do reconhecimento mútuo entre pessoas apostando, conjuntamente, no bom futuro.

Referências Bibliográficas:

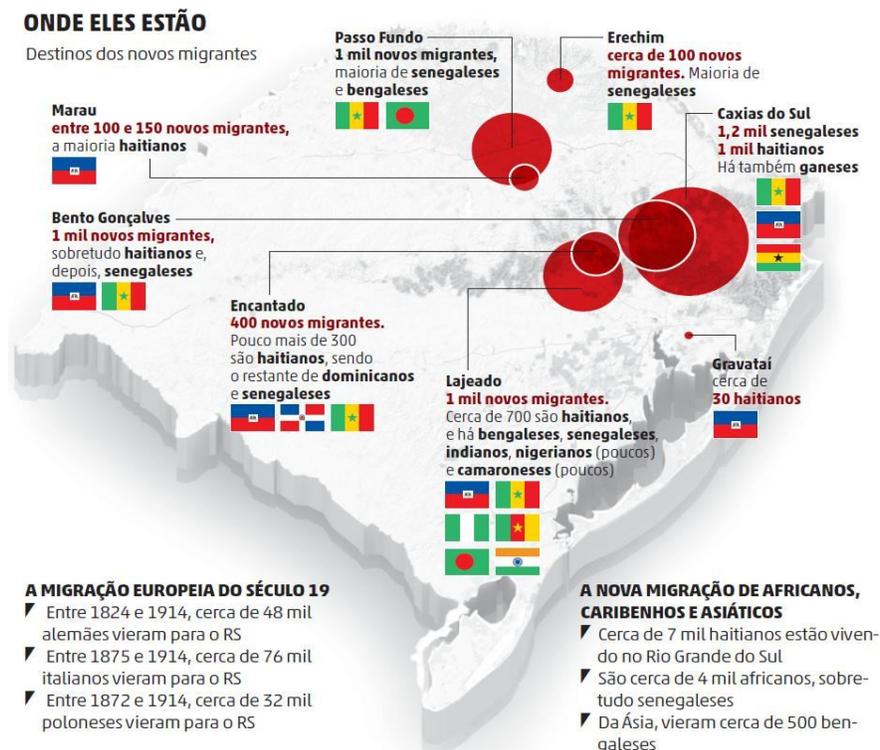
JARDIM, D. F. (Org.) . Cartografias da Imigração: Interculturalidade e Políticas públicas. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007. v. 01. 272p

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Ed. Victor Civita, Abril, 1984.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração ou os paradoxos da Alteridade. São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1998.

Anexos

I - O efeito visual da localização dos imigrantes



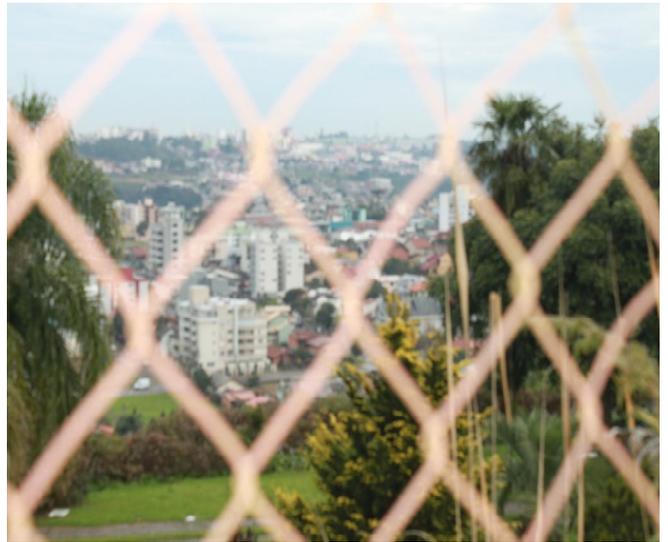
Publicação no site da ZH em agosto de 2014. Na ocasião em que a chegada de ganeses após a copa do mundo, uma série de reportagens sobre migrações foram veiculadas. Note-se que esse mapa destaca quantidades e bandeiras de países, privilegiando a informação sobre origem e destino. Alternativamente, os imigrantes poderiam estar representados por imagens de pessoas, bonecos referindo a homens e mulheres, e sobre a forma de inserção e emprego encontrado em cada localidade ou onde estariam trabalhando. Não é fornecido ao leitor o modo como foi constituída a informação; a fonte de tais cifras - se é do ministério do trabalho, polícia federal ou municipalidades. Além de anotações bastante imprecisas na quantificação como o uso de "Poucos" com parte da enunciação da cifra de nacionalidades. Mas a idéia de um **mapa** chama a atenção para o aspecto persuasivo da "informação", constituído através de recurso visual que circula na internet no mês de agosto.

II – A oficina de fotografia – Luis Abalos Junior e Amanda Gonçalves:

“Neste processo percebi que muitas fotografias estavam fora de foco e as melhores imagens eram aquelas que a Amanda, Rita e eu havíamos tirado com a câmera do DEDES. Foram estas que foram escolhidas para apresentação. Aquelas, a produzida pelos próprios ganeses tem um sentido bonito mesmo que tecnicamente estejam ruins. As invisibilidades da fotografia fora de foco podem ser relacionadas às invisibilidades sociais pelas quais imigrantes e refugiados convivem cotidianamente. E são estas imagens da comida, da cama, das paredes desfocadas que perdem em estética visual e ganham em sentido simbólico”. (Luis Abalos Junior)











III – A apresentação e premiação do Projeto na XV Tertúlia da Proreitoria de extensão/UFRGS.



Acima a apresentação visual durante a exposição do Projeto nas tertúlias 2014 – Prorext. Luis Abalos Junior na foto diante dos painéis que recontam em imagens nossa atividade no projeto Convivências e a oficina de fotografia que realizou junto com Amanda Gonçalves.



Recebimento do prêmio tertúlias ao Projeto Convivências – Amanda Gonçalves que participava do cerimonial, se soma a representar os alunos – Luiza Dutra e Luis Abalos Junior - que recebem a premiação em palco em 2014.

IV – O grupo de acolhimento visita os locais de trabalho para onde foram encaminhados os rapazes de Gana.



Postagem de 23 de agosto de 2014 no facebook da Irmã Maria do Carmo. Visita da equipe de pessoas do CAM e do seminário, junto com a vereadora Denise Pessoa com os rapazes de Gana em seus locais de trabalho para onde foram encaminhados.